

**VIDA MUNDIAL**

ANO V-N.º 218  
19 DE JULHO DE 1945  
PREÇO AVULSO 1\$80

# ILUSTRADA

LAURA ALVES NA INTERPRETAÇÃO DO PRINCIPAL PAPEL FEMININO DO NOVO FILME PORTUGUÊS "MATINEE AS QUATRO"



**6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE...**



PRODUTOS  
DE BELEZA  
DA MAIS ALTA  
CATEGORIA,  
CLASSIFICADOS  
PELA CIENCIA  
MODERNA.

TRATAMENTOS  
INDIVIDUAIS  
PARA  
REJUVENECIMENTO  
E  
REGENERAÇÃO  
TOTAL  
DA EPIDERMIE

*Diplom. Cosmólogo  
Húngaro*

**MARTIN ARANY**

Atelier e depósito:

**INSTITUTO VITORIA, L.<sup>DA</sup>**

Rua do Ouro, 170, 1.º ~ Telef. 2 2072 ~ Lisboa

ARTIGOS PARA SENHORA EM FINOS TECIDOS



*Rombet - Georgette  
Seda Mate  
Seda Veneza  
Artigos em Malha  
de seda*

7 ADRÕES ULTRA-MODERNOS — OS MAIS LINDOS

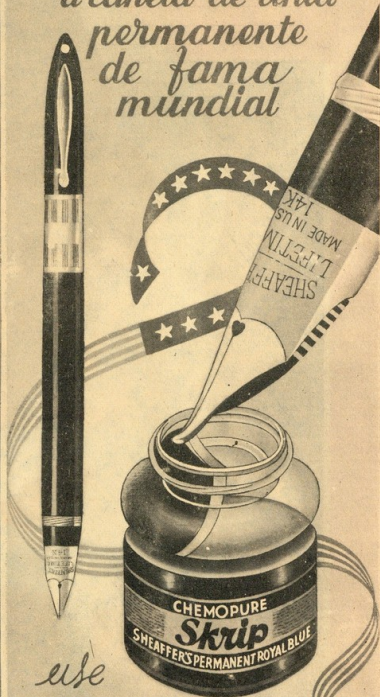
VISITEM A  
**CASA**

*Xarel*

**A. V. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA**

*prefira*  
**SHEAFFER'S**

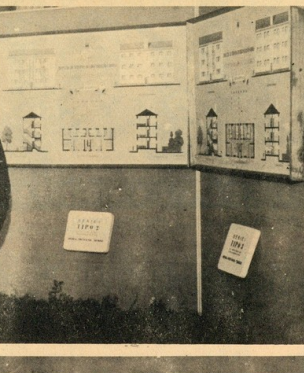
*a caneta de tinta  
permanente  
de fama  
mundial*



**Skrip**

**O SUCESSOR DA TINTA**

**DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:**  
**AZEVEDO & DUARTE, L.<sup>DA</sup>**  
RUA DO CRÚCIFIXO, 76, 1.º — LISBOA — TELEF. 26297



### CASAS ECONÓMICAS PARA OS QUE NÃO PODEM PAGAR RENDAS ASTRONÓMICAS

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, ilustre presidente da Câmara Municipal de Lisboa, reuniu, no átrio dos Paços do Conselho, os representantes da Imprensa, a quem expôs o vasto plano camarário para a construção de casas económicas destinadas às classes médias e operárias.

A área a urbanizar tem mais de 200 hectares e abrange terrenos entre as Avenidas Almirante Reis e Afifes Malheiro e o Campo 28 de Maio.

Trata-se duma iniciativa que é escusado encarecer. E por ela se prova que o Presidente do primeiro município do país não está ocupando simbolicamente o seu lugar...

A sua inteligência está ao serviço dos interesses da população — e melhor a não podia ée empregar que nesta obra grandiosa, em que conquistou a gratidão da cidade.

Casas económicas para os que não podem pagar rendas astronómicas! O nome do tenente-coronel Salvação Barreto fica com esta iniciativa ligada para sempre aos interesses da cidade — ao coração dos lisboetas.

## O REI A NUNH!

por Artur Portela

EM meados de 1945, quando cada dia vna, fulgurantemente, um «Clipper» prateado para a América e a mulher se liberta, nesta radiação cativa de julho, de tudo quanto possa comprometer ou diminuir a sua beleza sedutora, parece que, entre nós, neste ambiente morno de preconcitos, terríveis como a Itrônia, ridículos como os «fantochinhos» do teatro italiano, para alinhar o que quer que seja de agraçoente sério, pesado, reflexivo que era a característica da sociedade do Passelo Público e dos chds das Sausas, com archais e piana, numa trista e cinzenta rua da Emenda, do século passado.

De facto, é pecha nossa cultivar, com uma acatidade excessiva e impositiva. O promissário gravemente refastelado, na primeira classe de um comboio; na rua, abrindo caminho com a bengala ou com a sua cadueta de cheques; por detrás dos muros, altos e invioláveis, do palacet se não num teatro, assatido, com frieza impedível, a um espectáculo como se estivesse numa câmara ardente, mantém-se distante, altivo, imperturbável, como uma das esfinges de Gizeh, sobre cujo dorso de pedra dotada livressen rolando vinte séculos de glória e de eternidade...

E ainda, homem! Pode já não usar colarinhos rígidos, mas o pescoco persiste ereto, supondo assim ultrapassar de alguns centímetros, física e simbolicamente, o seu semelhante. Pode também já não ostentar a chapéu alto do conselheiro, Arco, ao descer São Roque, depois do lusopense na Igreja Joana, mas parece cingir na frente a corde do reno fabuloso de Golconda, refugiente de zedras de um talento universal. Parece dizer, interiormente de maneira que não o entendamos sem indicação possível: «Aqui vai o génio!» O maior escritor do século sou eu!». «Repare no Ilustre Jurisconsulto!», «Eis o tua da medicina!», etc. (muitos grandes e pequenos).

Somos, na realidade, muito importantes. Sobre o mesmo disseu, que não deve ser diagnosticada como orgulho de carácter, alida ligitimo, nem de rigorismo moral, embora humanizado. É a nossa relação ao Irão. Não há no geral, no aplomado a que pertencemos, profissionalmente ao socialmente, aquela emoção fraternal que caracteriza, por exemplo, o espanhol jubiloso (apesar do trágico castelhano de Unamuno), a simplicidade ingenua do inglês ou a delicadeza racial, mesmo quando artificiosa, do parisiense.

É, não, viceradamente, não somos assim. Pelo contrário, ricos de sentimentos desinteressados, abnegados até, mas pouco conviventes, e sempre suspiçosos de que o vizinho repare no salto cambão no sapato, ou na raça da graxa que sobe, solememente, o Chido na hora suprema das eleições.

Então como devemos ser?

Alegres, não com uma alegria lata ou oficial — mas quando nos sentimos, que é ainda, afinal, um nelo de reagir, se não de eliminar a libertação da personalidade contra todos os demónios interiores ou elementos cívicos. Deixemos, portanto, as graças conselheiras escrever para o pergamino da história, invariavelmente as mesmas reflexões letárgicas e os bonos auctores de vícios deturados, inobilizarem-se como estátuas de uma grandeza sem sombra.

Há que rir e contar, abraçar o semelhante simpático, meter convívio com o parceiro do selecto.

(continua na página 16)

## A IRONIA DAS PALAVRAS

NÃO sei se já lhes aconteceu passarem, na companhia dum estrangeiro, pelo transe doloroso de se lhes deparar alguma coisa que não eleve nem dignifique a sua terra. Porém, mesmo sem experiência própria, julgo que lhes não será difícil acreditar que é absolutamente desolador.

Pretendemos deslumar um estranho com o que lhe mostramos, imagens vivas a acompanhar patrióticas palavras, e as coisas surgiam ao contrário da nossa descrição, é golpe grave, não só no nosso patriotismo de portugueses como no nosso amor próprio de pessoas crescidas...

Dizemos: a terra em que estamos é admirável estância de turismo! — e o hotel seríssimo, a comida má e o pessoal indesejável, é de só nós não surmimos pelo chão abaixo pela falta dum alcapão mágico e salvador.

Antes de mais, queremos afirmar que tal nos não aconteceu. O que iamios relatei passou-se em Lisboa e não contém matéria grave. O patriotismo não perigou e, por muitos portugueses que junto a nós estivessem no momento crítico, nenhum se sentiria cóar de justificada vergonha. Apenas se trata dum caso em que a ironia das palavras é evidente, e vou relatá-lo porque ainda não esqueci o sorriso irónico com que o festejou um amigo estrangeiro que me acompanhava.

O meu amigo estava em Lis-

boa há vinte e quatro horas. Pretendera entrar com ele num «café» da Avenida, mas o meu companheiro, elegantíssimo no seu fato desportivo, foi impedido de entrar... por não trazer gravata. Ainda tentei fazer ver ao porteiro que se tratava dum estrangeiro e, para mais, de categoria, mas o funcionário deplorou-me que se o fizesse jogava o seu lugar — e eu sou incapaz de incitar ao jogo quem quer que seja...

Dei-lhe uma explicação em que ele não acreditou e pretendemos atravessar a Avenida. Não passava nenhum carro, mas um zeloso sinaleiro impediu-nos a passagem e fez-nos dar uma enorme volta, antes que pudéssemos passar para o outro lado.

Mal atravessámos, o meu amigo estrangeiro quis-se sentar num daqueles bancos públicos que a Câmara ali pôs para quem dêles quisesse servir-se, sem consumo obrigatório. Impossível. As cadeiras e as mesas da esplanada impediam o acesso aos bancos.

Foi nessa altura que o meu companheiro teve a infeliz ideia de me perguntar como se chamava aquela artéria onde tudo lhe era proibido.

E foi então que, quando eu lhe disse que estávamos na Avenida da Liberdade, êle teve o tal sorriso irónico que me arrepiou — e que é, afinal, a única razão desta crónica...

Mitral (assinatura)

### TALIA, EUTERPE & TERPSICORE

Um livro de FERNANDO LOPES GRAÇA

Esprito inquieto de artista moderno, inteligência lúcida servida por uma invulgar noção de honestidade, Fernando Lopes Graça não pára na sua tarefa de servidor da Arte, que só em bem servirá vê o melhor prémio do seu esforço e do seu trabalho.

No seu último livro, *Talia, Euterpe & Terpsicore*, reunindo Lopes Graça retrata parte das críticas sobre teatro, música e dança, que publicou, de fins de 30 a princípios de 45, em *O Diabo e Santa Nova*. E nas estantes dos estudiosos e dos que a Arte ligam mais algum interesse que o de conhecida de ouvido, fica bem este livro em que um artista



novos prova que nem só aos velhos é facultado o direito de saberem o que querem e para onde vão...



JOAN CRAWFORD



DOLORES DEL RIO



LORETTA YOUNG



OLIVIA DE HAVILLAND



DANIELLE DARRIEU



LAURA ALVES, A PORTUGUESSÍSSIMA «MARIA ROSA», PROTAGONISTA DO FILME «MATINÉE ÀS QUATRO».

## UM CONCURSO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

# PRECISAM-SE SEIS RAPARIGAS ENGRAÇADAS PARA O FILME "MATINÉE ÀS QUATRO"

**J**á o dissemos no último número: «Vida Mundial Ilustrada» vai, em colaboração com «Atlante Filmes», descobrir seis raparigas engraçadas, a quem serão oferecidos contratos para o novo filme português «Matinée às quatro». Trata-se de um filme musical, com argumento do nosso camarada de redacção Aníbal Nazaré e que o realizador Santos Mendes vai dirigir para a citada firma produtora e com música dos maestros Raúl Ferrás, Fernando de Carvalho e João Nobre.

A oportunidade é esplêndida para as raparigas portuguesas que sonham com o Cinema, pois «Atlante Filmes» distribuirá os seis papéis, de indiscutível interesse, exclusivamente a concorrentes de «Vida Mundial Ilustrada».

Os principais papéis da nova produção serão

interpretados por Laura Alves, a simpática e brilhante vedeta, que fará a protagonista, pelo distinto actor Raúl de Carvalho e pela popular «estréla» da Rádio, Maria Sidónio — e por muitos outros artistas queridos do público.

Falta acrescentar ao elenco os nomes das seis leitoras de «Vida Mundial Ilustrada» que forem escolhidas do júri.

Coragem — e atenção ao «cupom» que a seguir publicamos e que devem entregar na nossa redacção, Rua da Emenda, 69, 2.ª, juntamente com uma fotografia, que pode ter o formato postal, ou aproximado.

Ficamos aguardando, na certeza de que vamos fornecer, para o novo filme português, um lindo triso de raparigas.

### Inscrição para o filme "Matinée às quatro"

Nome .....

Idade ..... Profissão .....

Morada .....

Desportos que pratica ..... Habilitações literárias .....

Sabe cantar? ..... Que género? .....

Sabe dançar? ..... Que género de dança? .....

## A OPINIÃO DOS MARINHEIROS

**U**s marinheiros americanos foram ouvidos recentemente, pelos serviços de estatística abstraitos aos escútos de Hollywood, com o fim de se estabelecer quais os filmes que devem ser enviados de preferência para os espetáculos deles expressamente destinados. O inquérito foi nos mais diversos locais, onde houve-se um estacão da marinha ou um barco de guerra em evolução. E, assim, aos escritórios da organização, que orientam o inquérito, chegaram depoimentos recolhidos nas Aleutas, nos mares das Caraíbas, em Okinawa, em Kiel, Marzelha, Cairo, Cabo da Boa Esperança — em fim de todos os rincões e portos do mundo, pois por éle se estende hoje o poderio imenso da esquadra americana dos seus vitoriosos marinheiros.

«Queremos comédias e filmes musicais — dizem a sua voz». «Se um filme nos der música, ballados e gargalhadas — então é o ideal! E lindas raparigas, não esqueçamos». Outra conclusão definitiva: «Abaixo os filmes de guerra e actualidades... sem actualidades...». A presença de mulheres bonitas, é ainda um dos maiores atractivos do espectáculo. Subscrito se fór a célebre. Todas as respostas especificam claramente, uma nítida preferência pelo Teentolor, em relação ao preto e branco.

Os marinheiros querem ainda:

- a) Que os filmes acabem bem. O happy-end continua a fazer les.
- b) Que lhe dêem bons complementos. Os shorts são aperitivos indispensáveis num programa.

- c) Que as películas sejam apresentadas com actualidade. Mas entre um bom filme antigo e um filme recente de menor valia, vão pelo primeiro.

Artistas favoritos: Bob Hope e Big Crosby. — E a prevenção de sempre:

— Não se esqueçam de que gostamos muito de ver lindas mulheres.

Provam em absoluto:

- a) Filmes de guerra, com herois fabricados em série.

- b) Filmes de propaganda. «Já não são pedidos. Todos nós sabemos as razões por que combatemos».

- c) Assuntos morbidos ou demasiado dramáticos.

- d) Os maus filmes de «cow-boys».

- e) As actualidades «com cabulos brancos».

Como o leitor viu, as opiniões dos marinheiros correspondem a um estado de espírito que tende a generalizar-se. O outro relatório, de onde extraímos as conclusões, friza: «Uma vez que encontros na marinha homens vindos dos mais diversos sectores e de cultura variada, podemos estar certos de que a corrente de opinião no exército deverá ser muito semelhante». Pela nossa parte, cremos que não seria muito arriscado estendê-la ao público do mundo inteiro. É certo no que respeita a guerra, que a posição do soldado é diferente da do civil.

O primeiro está cansado de viver situações que a guerra evoca. O outro, tem a curiosidade de conhecer o ambiente que já conhece através dos relatos do terceiro. Mas os filmes de guerra já começam a cansar. E no futuro, mais se accentuará essa impressão, à que só resistem os filmes excepcionais, sob o ponto de vista artístico e espectacular — como o «Raio de Luz» e «Casablanca» que Lisboa vem contemplando.

Os votos dos marinheiros americanos correspondem ao anseio de que querem o cinema integrado novamente na sua função de espectáculo de puro divertimento. No fundo, a tese do Sullivan, de Preston Sturges... E porque assim é — e porque Hollywood, acima de tudo, procura adivinhar os desejos das plateias, nada nos custa a crer que, passado o período da guerra, o cinema, ao serviço da Paz, torne à sua saudável missão de estender sobre a Humanidade, o balsâmico manto de acieiro e optimismo, que lêa, dêa, tantas vezes, o melhor dos tónicos, para a saúde do espírito.

FERNANDO FRAGOSO



VIRGINIA BRUCE

HEDY LAMARR

GRETA GARBO

INGRID BERGMAN

MARLENE DIETRICH



**H**á fotografias que nos deixam embaraçados para as entender. Esta linda rapariga — Katherine Airdge — aparece-nos aqui, de francês, tocada de flores, postada de joelhos ante uma gaiola de periquitos. Está com extrema fantasia. O busto coberto de arminhos... A parte inferior, com um simulacro de feto de bamba, em malha de seda. Que querer isto dizer? Eis o enigma que propomos à solução do leitor...

## O IDOLO DAS MULHERES

**C**ONTINUA a loucura pelo Frank Sinatra. Onde ele aparece, as mulheres precipitam-se, na ânsia de o ver de perto, de obter autógrafos... Algumas, mais ousadas, para ficarem com recordações, ragam-lhe o casaco, arrancam-lhe os botões, cortam-lhe a gravata. Quando o ouvem cantar, desmaiam de prazer. Depois de Valentino, não houve uma coisa assim. E tantos foram os deliquios, que os jornais chamam-lhe o Frank Swoonatra (de «swoon», desmaio!).

Esta foto dá-nos uma idéia da loucura colectiva. Frank desaparece, sob uma onda de mulheres — bonitas e felas, novas e velhas. O secretário, que se vê à esquerda, procura arrebata-lo das garras das admiradoras. Frank encontra ainda maneira de sorrir... Entretanto, declara ele, nada o diverte e o encanta como encontrarse no romano do lar, entregue à alegria de sua mulher e dos filhos.

Quantos não dariam parte da vida para despretar semelhante interesse no eterno feminino?



## NOTA DA SEMANA

**A** indústria portuguesa de cinema está praticamente paralizada, por falta de filme virgem. O mal não é apenas nacional, porque em Espanha sucede o mesmo, e nos países produtores, nomeadamente na América e Inglaterra, as restrições são de tal forma severas que a organização da indústria foi abalada e modificada, sob muitos aspectos.

«Os pedidos que chegam do mundo inteiro — informa o «Motion Picture Herald» — excedem, largamente, a capacidade de produção americana».

Segundo informações vindas a lume, na Bélgica e na própria Alemanha, as fábricas de filme virgem estarão aptas, dentro de pouco tempo, a recomençar a laboração. Mas o problema não é de fábricas, mas de matérias-primas. Com efeito, a maior parte dos ingredientes necessários à fabricação do celulóide são necessários ao esforço de guerra. A situação só poderá normalizar-se quando já não forem precisas granadas ou bombas de aviação.

Entretanto — nada haverá a fazer? Não valeria a pena estudar o problema, oficialmente? O filme virgem não poderia ser compreendido nas mercadorias que são objecto de acórdios comerciais? O cinema português, de que vivem centenas de pessoas, não vale só pelo que representa como indústria. Estão ligados a ele valores morais que justificam, sem dúvida, o carinho com que possa ser atizado nesta emergência.

## AS 10 MULHERES MAIS BELAS DE HOLLYWOOD

**A** revista americana «Modern Screen» realizou um inquérito entre cinco dos mais famosos galãs do momento que passa, para saber quais são as dez mulheres mais belas de Hollywood. Mas o campo de pesquisas, desta vez, não se limitava, apenas, à actualidade. Pretendia-se uma lista com relação aos quinze últimos anos.

Temos de convir que a pergunta era embaraçosa. Hollywood é a terra das mulheres bonitas. «Girls, coristas e figurantes fornecem, só por si, um apreciável contingente de beleza. Mas, felizmente, essas raparigulhas mais ou menos anónimas no mundo do cinema, não estavam em causa. O inquérito referia-se só às «estrelas». Mas em quinze anos as «estrelas» foram tantas! Algumas até se apagaram. Outras foram como que uma nebulosa no véu espesso do esquecimento.

Mas os cinco galãs — Van Johnson, Humphrey Bogart, Errol Flynn, Joseph Cotten e Ray Milland, não se intimidaram. E votaram os dez nomes, como se segue:

Van Johnson: Norma Shearer, Greta Garbo, Greer Garson, Joan Crawford, Lana Turner, Gloria Swanson, Katherine Hepburn, Marlene Dietrich, Hedy Lamarr e Cullen Moore.

Errol Flynn: Tamara Toumanova, Joan Crawford, Olivia DeHavilland, Madeleine Carroll, Linda Darnell, Hedy Lamarr, Dolores Del Rio, Loretta Young, Virginia Bruce e Maureen O'Hara.

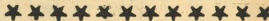
Humphrey Bogart: Lauren Bacall, Hedy Lamarr, Ingrid Bergman, Dolores Del Rio, Ina Claire, Greta Garbo, Billie Dove, Vilma Banky, Mary Astor e Danielle Darrieux.

Joseph Cotten: Ingrid Bergman, Sally Blaine, Virginia Bruce, Dolores Del Rio, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Hedy Lamarr, Vivien Leigh e Loretta Young.

Ray Milland: Fay Wray, Joan Fontaine, Olivia DeHavilland, Marlene Dietrich, Ingrid Bergman, Greta Garbo, Lella Hyams, Carole Lombard, Joan Crawford e Danielle Darrieux.

Como vêem, embora haja nomes comuns em várias listas, nem sempre a maioria de votos se revelou suficientemente elucidativa. Para desempatar, foi chamado o jornalista Ed Sullivan, perito em beleza

(Continua na pág. 16)



O cinema inglês procura, ansiosamente, elevar-se ao lugar a que tem direito. Os estúdios londrinos encontram-se em plena laboração. E uma chuva de novas estréias dispõe-se a disputar os lugares de favoritas às vedetas do novo mundo. Aquí têm Hedi Court, surpreendente revelação da cinematografia britânica.



# 10

I — ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE.  
 II — A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL.  
 III — EFICIENCIA DA ESPIONAGEM. IV —  
 ARMAS SECRETAS. V — TINTA SIMPÁ-  
 TICA. VI — MULLER, O DANTY ROWLAND,  
 ESPIAO POR AMOR. VII — UM ALFINETE  
 PODE PERDER UM HOMEM. VIII — SELOS  
 E PEQUENOS ANUNCIOS. IX — A MUSICA  
 E A FINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONA-  
 GEM. X — A BENGALA DE MR. ARCHI-  
 BALD. XI — O ESPIAO CORREIO DE  
 NANTES E O HOMEM DE PARIS. XII — AS  
 SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOS-  
 TAVA DE OVOS. XIII — HISTORIA DA  
 BELA LIZZIE WERTHEIM. XIV — O DUPLIO  
 ESPIAO. XV — MARTA RICHER, A SEREIA  
 FRANCESA. XVI — BMA STUBERT, AQUELA  
 QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVII —  
 MATA-HARI FOI REINADA DUAS VEZES.  
 XVIII — FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA  
 DE ESPIONAGEM.

# DESPIONAGEM O TUTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM POR MATA-HARI

## UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



Conhecida por «La Duclimetière», esta fran-  
 cesa, com todo o seu aspecto simpório de  
 recatada burguesa, foi uma das mais perigosas  
 espías da guerra de 1918. Foi, no entanto, a  
 única mulher condenada por espionagem que  
 conseguiu o indulto do Presidente Poincaré.

**A** espionagem tem os sus artistas, os seus  
 evitutosos; tem também os seus profes-  
 sores, os seus técnicos. «Instrutora de espías», tal poderia ser,  
 talvez, um dos títulos a dar a famosa espía alemã  
 que foi universalmente conhecida pelo nome de  
 Fraulein Doktor e que criou à sua volta uma ver-  
 dadeira escola onde se agrupavam discípulos faná-  
 ticos dos seus métodos e dos seus princípios. Mé-  
 todos de severidade, de austeridade e de dedicação  
 absoluta à causa. «Para fazer um bom agente»,  
 declarava Fraulein Doktor, «é preciso o melhor, o  
 mais seguro, o mais corajoso dos homens».

Ela exigia dos seus alunos uma conduta moral  
 exemplar e uma rigorosa disciplina. «Quero que  
 eles se levantem muito cedo de manhã, pô levanta-  
 rmo-nos matinalmente é um primeiro acto de  
 energia. Se as suas missões os levam a lugares de  
 prazer, redobrarão de vigilância com eles próprios.  
 Deverão recusar-se sempre a toda e qualquer  
 intriga amorosa, pois esta amolece muitas vezes a  
 vontade e provoca a desconfiança».

Ela revoltava-se grandemente contra a tendência  
 de certos serviços secretos em recrutar os seus  
 auxiliares entre indivíduos em má situação finan-  
 ciera, cavalheiros de indústria e prostitutas. «Que  
 a polícia escolha os seus auxiliares entre a escória

da sociedade é, sem dúvida, necessário, mas o espí-  
 o de guerra deverá ser, acima de tudo, um soldado,  
 e mesmo um super-soldado, pois tem que se bater  
 só, na sombra, em vez de marchar para o combate  
 juntamente com os camaradas, com a protecção  
 de tanques à sua frente, aviões por cima e artilha-  
 ria por trás».

Compreende-se o desprêzo que tal professora  
 tinha pelo espírio venal, como por exemplo o seu  
 grande inimigo «Sir Basil Thompson: «Os agentes  
 deste género devem ser abatidos como vermes e  
 os seus corpos perjurados à porta das granjas  
 como aviso aos outros... Para Fraulein Doktor,  
 o agente «H-21» (isto é, Mata-Hari, que trabalhou  
 alguns meses às suas ordens) não foi mais que um  
 miserável sem outra ambição, que não fosse o lucro  
 e, logo, indigna de piedade». E curioso ler-se a  
 propósito, a opinião que ela tinha da bailarina na  
 dia seguinte da sua execução em Vínimas.

«Apar de não ter havido o mínimo erro no  
 caso «H-21», e da sua condenação pelos franceses  
 ser merecida e em harmonia com a letra e o espí-  
 rito do código militar, esta mulher não provocou  
 qualquer verdadeiro dano à França. Nenhuma das  
 informações que ela nos forneceu foi útil; tais  
 informações nem sequer tinham para nós qualquer  
 valor político e militar. O seu destino não chegou  
 a ser verdadeiramente trágico, porque ela deu a  
 sua vida por nada».

Não se poderia, realmente, mostrar maior desdém  
 pela memória da triste dançarina!

E, a propósito, que pensava a severa Fraulein  
 dos agentes do seu sexo? Que preço dava ela, duma  
 maneira geral, a sua colaboração, as suas aptidões?  
 A verdade é que ela dava pouca confiança a  
 mulheres, não porque lhes negasse habilidades, mas  
 porque era do opinião que a intriga amorosa — pro-  
 cesso clássico do agente feminino em matéria de  
 espionagem — era uma arma de dois gumes. «Logo  
 que a sedutora é seduzida e passa para o lado  
 inimigo — afirmava ela — o mal que ela nos faz  
 ultrapassa infinitamente o bem que ela nos po-  
 dria fazer se se tivesse mantido fiel à sua missão».

Fraulein Doktor estava, pois, de acordo que  
 havia missões para as quais a mulher era mais  
 indicada que o homem — particularmente aquelas  
 que requerem uma certa subtilidade de observação  
 e uma grande intuição — mas ela tinha as suas re-  
 servas.

«Tais qualidades não compensam certas vanta-  
 gens, que serão sempre apagação do homem, quer  
 ele dizer a resistência nervosa e física, coisas indis-  
 pensáveis no exercício de uma função ao mais  
 pequeno engano se paga com a vida do agente e  
 que é pior, com o conhecimento por parte do  
 inimigo das nossas manobras de combate».

\*\*\*

Ninguém poderá deixar de ficar surpreso com  
 estas opiniões paradoxais de Fraulein Doktor,  
 que foi uma das melhores e das mais viris espías  
 que o Reich jamais possuía. A tal ponto, que não é  
 exagero dizer-se que os serviços prestados por  
 esta mulher ao Thiergarten de Berlim igualaram,  
 e ultrapassaram mesmo, qualquer outro agente  
 alemão!

Quem era ela? Que personalidade escondia sob  
 o nome de guerra Fraulein Doktor?

Por singular que pareça, nenhuma das suas bio-  
 grafias é capaz de responder com certeza a esta  
 pergunta. Até o seu verdadeiro nome, Gertha  
 Heirichsen, como certos autores o supõem, era  
 possível, mas não está demonstrado. O que, pelo  
 contrário, não oferece nenhuma dúvida é que as  
 suas actividades foram assinaladas durante a pri-  
 meira ocupação alemã da Bélgica, em Anvers, onde  
 ela estava a testa do quartel-general da divi-  
 gem. Ela figurou af sob diversos pseudónimos, tais

como «Condessa d'Aspremont ou «Condessa de  
 Louvain» — tudo designações emprestadas pela  
 aristocracia belga.

O que é também certo, é que a sua autoridade  
 e o seu prestígio reposavam sobre o seu zelo  
 fanático com que desempenhava as mais diversas  
 missões, nas quais nunca recuava ante qualquer  
 risco. Carácter dominador, com um fundo de  
 dureza e de ferocidade, ela reinava por uma espécie  
 de terror sobre os agentes que dirigia. Estes  
 sabiam que em caso de fraqueza, de falta de von-  
 tade, não tinham a mínima liberdade a esperar dela.  
 Atribuem-lhe a invenção do espírio abdo-espírio,  
 denominação resultante da forma como ela se  
 desembarava dos colaboradores incapazes ou  
 incómodos, encerrando-os de missões embuisa-  
 sas, isto é, de expedições donde eles nunca mais  
 voltavam.

Um dos seus axiomas era que em matéria de  
 espionagem, se cometem erros aos quais não há o  
 direito de sobreviver. Neste capítulo ela usava de  
 uma inflexibilidade inspirada no código de honra  
 nipónico, em que as soluções extremas se resolvem  
 por meio de um shara-kiri».

Eis um facto que ilustra trágicamente esta en-  
 taldade. Nós tivemos a ocasião de dizer, ao falar  
 de armas secretas, que se a primeira intervenção de  
 tanques britânicos no campo de Elers, em 1917, provo-  
 cou entre as tropas alemãs devastações e gran-  
 dísimo, não foi porque os serviços de Fraulein  
 Doktor ignorassem a preparação da nova arma  
 alemã, mas sim porque os técnicos deste Estado-  
 Major se recusaram a dar a este aviso o valor  
 que lhe merecia.

Ora, entre os agentes ao serviço de Fraulein  
 Doktor contava-se um oficial de grande futuro, o  
 tenente-coronel conde von T... que tinha a fun-  
 ção de conselheiro técnico e se ocupava, especial-  
 mente, de questões de artilharia. No dia em que  
 Fraulein Doktor recebeu o relatório secreto que

(Continua na pág. 16)



Na outra guerra, este era um dos maiores  
 espírios da vida aos espírios. Um camponês  
 russo, descoberto pelo serviço secreto alemão,  
 é conduzido por soldados de Duilhernie II —  
 ligado por uma corda ao cavião de um diées  
 soldados.

# HUSQVARNA

ALGUNS ASPECTOS DO SEU  
GRANDIOSO "STAND"  
NA FEIRA POPULAR



Vista exterior do magnífico stand.



Secção de artigos eléctricos e de ménage HUSQVARNA



Aqui vêem-se vários modelos de máquinas de costura HUSQVARNA

Com 256 anos de existência, fabrica na SUECIA todos os seus produtos com o afamado AÇO SUECO e vende em PORTUGAL aos melhores preços e A PRESTAÇÕES.

ASSEGURA O FUTURO  
DOS FILHOS. O SEGURO

EDUCAÇÃO DA  
IMPÉRIO



COMPANHIA  
DE SEGUROS

RUA GARRETT, 56  
LISBOA

IMPÉRIO

## LISBOA História da Guerra E OS DIVERTIMENTOS

(Continuação da página 10)

reparou no ar grave, slaudo, das esplanadas? Está tudo calado e grave, diante da carapinhada, como se estivesse a velar um esquife.

Quem se lembra de gargalhar? Apenas alguns rapazes — dois ou três pares de espanholas que riem de tudo, sem terem nada para rir. O riso aqui é um prospecto de propaganda.

Não há, pois, divertimentos. Mesmo o ar grave das esplanadas vive da mediação — e não da conversa. Ora não seria interessante que as empresas das esplanadas contratassem, como moderadamente se diz, umas atracções?

Escusava de ser ebaile espanholas com castanholas e dedilhar de viola; também se dispensava o fado, que tem o seu ambiente próprio.

(Continuação da página 20)

que entretanto haviam chegado às proximidades da Tunísia. Quanto ao general Barré, este devia trazer para a causa aliada a colaboração activa das forças do seu comando.

Este plano não pôde ser executado. Mas o relato do «Times» e a serie de depoimentos que resumimos, bastam para indicar claramente que o almirante Darlan não estava cumprido no desembarque de 8 de Novembro e que, como os seus adversários, foi colhido de surpresa pelos acontecimentos, procurando logo beneficiar deles.

(Continua)

Bastaria um urso — e uma panóplia. Distraia, acreditem. E a gente habituá-se-la a rir nas esplanadas.

### 10 GLORIOSOS ROMANCISTAS!

Booth Tarkington — Ernest Hemingway — Vicki Baum — John Steinbeck — Pierre Van Paosen — Pearl Buck — Peter B. Kyne — André Maurois — Stephen V. Benet — Louis Bromfield  
escreveram

## As melhores histórias da Guerra

O 1.º volume

da interessante e sugestiva colecção

«A GUERRA VIVIDA E CONTADA PELOS MAIORES  
ESCRITORES DO MUNDO»

### 10 EMOCIONANTES NOVELAS

que são o mais empolgante  
documentário da guerra actual  
Páginas inesquecíveis, brutais no seu realismo, gloriosas na sua  
heróicidade!

1 volume com 272 páginas, de rica apresentação gráfica, 15\$00

EDIÇÕES ROMERO

Rua do Alecrim, 46 — LISBOA





# ANELA ABERTA

POR MANUEL MARTINHO

## LISBOA E OS DIVERTIMENTOS

LISBOA é uma cidade — já o disseram — aiçada, pelo menos com poucos divertimentos públicos. Não há nada onde se possa, a tróco de dez tostões — moeda acessível — dar duas boas gargalhadas. Fez-se a Feira. Sim, a Feira, na verdade, é a única coisa aproveitável que se tem feito ultimamente na capital.

Por isso mesmo já é difícil, só por dez tostões, encher a alma de alegria. O que se apanha, com facilidade, são encontros, piadellas, cotoveladas, de uma turba insatisfeita que caminha sem norte. Ora se excluímos a Feira, pergunta-se: onde pode o lisboeta divertir-se?

Há o lago do Campo Grande — sujo, empedrado, com uns barcos, que voia e metia pregam com a rapaziada alegre — no charco; há o frondoso arvoredor — que deixa passar a torreira do sol, porque as sombras amenas e convidativas levou-as, na sua guarda, S. Ex.º o clone, quando por aqui esteve numa fúnesta visita; há as bicicletas onde as meninas burguesas, com gritinhos e quedas, esfolam os joelhos e rasgam os vestidos, sob os olhares enternecidos dos papás.

Mas o que há mais? O Parque Mayer — dirão. E é verdade. O Parque — o célebre Parque onde toda a gente finge que se diverte num cheiro a mimbas e sem tempo e estâmpido do tiro ao alvo. Uma turba engravadada sem gastar um tostão.

Uns, mais boémios, bebem dois copinhos e julgam-se, já, numa libertinagem de se tirar o chapéu; outros, de roda da quermesse, compram uns escudos de rifas — e, sem o dinheiro, lamentam que não lhes tivesse saído o serviço de louça; há ainda aqueles que, junto do tiro ao alvo, experimentam a pontaria ou fazem valer a força, empurrando o «ferro» que sobe.

Vêm-se, gulosamente, os cartazes dos teatros. As actrizes, os actores, as pernas bem delimitadas das coristas que parecem de Hollywood, quando, afinal, são afilhadas da genia.

E no chegar a casa, à noite, garante-se à família que se gizou, que se gozou limeno.

Dizem-me aqui do lado: e a Quinta de S. Vicente?

O pitoresco, a graça, a genuína aspiração portuguesa de se comer à sombra, de garrafão e sem gravata!

E as esplanadas da Avenida, chelas de gente, modernas, com batata frita e cerveja?

Os tóidos, a sedução do s lagos, a vegetação rasteira, as mil cores das luzes, os olhos bonitos de tantas raparigas, tudo isso dá um ar de amena frescura — tirando as lâmpadas, claro — à avenida da Liberdade.

Afinal, diz-se, Lisboa tem muitos sítios para a gente se divertir.

Divertir? Passar o tempo, talvez. Já alguém (Continua na pág. 9)



A assistência ao «garden-party» realizado nos jardins do Palácio Burnay, à Junqueira, durante o qual se efectuou um concerto da Grande Orquestra Sinfónica Nacional, dirigido pelo maestro Pedro de Freitas Branco



Encontra-se em Lisboa a missão académica brasileira que vem tratar da conclusão do acêrdo ortográfico entre os dois países irmãos. A missão é preddida pelo dr. Pedro Calmon, presidente da Academia Brasileira de Letras. Os membros da missão — entre os quais o poeta Olegário Mariano e o professor de Filologia da Faculdade de Filosofia de S. Paulo, dr. Sá Nunes — no momento da chegada, acompanhados das individualidades que os foram esperar a bordo



A senhora de Fragoso Carmo esposa do Chefe do Estado, camarote presidencial durante o «garden-party»

## FIGURAS DA VIDA PORTUGUESA



O dr. César Alvim, delegado em Lisboa do Departamento de Imprensa do Brasil, que acaba de ser nomeado para idêntico lugar em Paris



O dr. José Calvet de Magalhães, que seguiu há dias para a América do Norte, onde vai ocupar o cargo de nosso cônsul ajunto em Nova York.



Alberto Toste que foi escolhido pela direcção do Auto-móvel Clube para secretário geral deste clube, na vaga aberta pela morte do marquês do Lavradio



A última audição dos alunos do Conservatório Nacional de Música. O director, dr. Ivo Cruz, e o sub-director, prof. Lúcio Mendes, e os alunos que executaram os vários trechos do programa



A cerimónia da distribuição de prémios aos cantoneros que se distinguiram na conservação e reparação das estradas. O 1.º lugar no Automóvel Clube de Portugal com a assistência brigadeiro Silveira e Castro, presidente da Junta Autónoma das Estradas

**DULCE DE OLIVEIRA**  
UMA NOVA ARTISTA DO THEATRO PORTUGUESO

Estreou-se há dias, mas o público já a conhecia. Festas, emissões de Rádio — para tudo tem sido solicitada a gentil presença de Dulce de Oliveira, voz carolosa de declamadora que sente o que diz, sem exageros nem destemperos de nervos, e temperamento de actriz que a prática e o contacto com o público hão-de transformar numa Artista.

Pois a Dulce de Oliveira estreou-se, agora, na Avenida, e sem boa companhia: na Companhia de Brunilde, a «grande injustiça do Teatro Português», que o público agora tem o raro prazer de aplaudir ali no Avenida. E, apesar do papel não ser cem por cento para ela, Dulce de Oliveira marcou, no seu cantinho de estreante, o lugar de uma actriz. Felicitemos Brunilde pela sua boa vontade em estreitar novos artistas e em abrir-lhes as portas do seu teatro e da sua experiência.



# JÁ TEMOS CARREIRAS AÉREAS LISBOA-PORTO

Este é o «Dakota» da carreira Lisboa-Porto.

O nosso Secretariado Nacional de Aviação Civil, a que preside o espírito dinâmico de Humberto Delgado, está em plena actuação. Terminaram as fases de preparação necessárias a um trabalho sério. Os problemas de instalação estão quasi resolvidos. E o Secretariado iniciou «a sua vida» — ligada tão de perto à vida da aviação no nosso país.

Soubemos que, há dias, tinha partido o primeiro avião das carreiras Lisboa-Porto e que ateraria em Espinho, seu «terminus», enquanto o aeródromo portuense das Pedras Rubras não estiver completamente equipado. E, no natural intuito de saber novidades, dirigimo-nos ao Secretariado. Na ausência do seu director — o tenente-coronel Humberto Delgado encontra-se na América — atiendemo-nos o sub-director, o major Humberto Pais, nome que dispensa apresentações. Mas logo as primeiras palavras o illustre oficial nos comunicou que nos não daria uma

entrevista. Compreendemos, então, que no Secretariado da Aeronáutica Civil se detesta o socialismo.

— Quem organizou o serviço?

— O Secretariado!

— Mas quem está a superintender no caso?

— O Secretariado!

E os homens do ar que dirigem o nosso organismo orientador da aviação civil apagam-se, não querem existir perante esta coisa que pretende criar — o seu Secretariado.

Com a promessa formal de que não faríamos uma entrevista, o major Humberto Pais converteu connosco uns momentos, e à sua proverbial amabilidade ficámos devendo as informações que seguem. Regressaram há dias os primeiros pilotos portugueses trelnados, em carreiras estrangeiras. Há cerca de três meses que eles iniciaram esse treino e, ao regressarem, o Secretariado resolveu realizar, duas vezes por semana, as segundas e sextas, carreiras para Espinho, a fim de manter os pilotos trelnados e de se proceder a necessária triinação do material de vôo.

Nas carreiras inglesas ainda se encontram, praticando, alguns pilotos portugueses. Há os que chegaram actuaes nesta carreira para o norte — carreira sem nenhum carácter comercial, mas executada com regularidade e que serve para aproveitar, com utilidade, os conhecimentos desses pilotos.

Não quis o sr. sub-director do secretariado da Aeronáutica Civil dizer-nos quando começará, a sério, essas carreiras. E explicou-nos que ainda não sabem quando começará — porque pretendem que elas comecem «a não parar». Algumas pessoas têm conseguido fazer a viagem aérea Lisboa-Espinho por se tratar de um Secretariado e com a declaração, por escrito de irem à sua responsabilidade pessoal — em virtude da carreira estar em experimentação.

E, depois do sr. comandante Trindade dos Santos ter a gentileza de nos oferecer a fotografia do bi-motor «Dakota» que faz as carreiras, despedimo-nos do sr. major Humberto Pais, agradecendo-lhe, reconhecidamente, a entrevista que nos não deu.

## S. EX. O CONSELHEIRO ACÁCIO FOI HOMENAGEADO!



Há muito que se devia esta homenagem. Só agora, porém, ela pôde ser abalizada na conta corrente da gratidão portuguesa. O venerando conselheiro Acácio foi justamente aclamado na sessão que, em sua honra, os humoristas do Grupo Rafael Bordalo realizaram no salão das Belas Artes, Lisboa, intelectual, que pensa, lê e estuda, esteve ali, encantada, presa daquele delirante espirital de uma grave assembleia... de risota.

S. Ex., o conselheiro, não compareceu. O dr. Luiz de Oliveira Guimarães, na mesa da presidência, leu, aliás, uma carta justificativa da lamentável ausência do preclaro vulto.

Não tinha tempo; passara mal a noite, insoníam, uma espietina doentia — e, além disso, asoherbado de trabalho de estado em um grosso volume «Relação de todos os secretários do Estado» e dois burocráticos actuaes.

O conselheiro, pearoso, colbia-se, assim, de aparecer; no fundo, porém, toda aquela gente sabia que era a sua enorme modestia que o levava a regeitar uma sessão pública que fizera e/et Bem vinda. E no entanto, tudo, Acácio era irmão de Pacheco. Ambos calvos — ambos dando tudo ao país, com um deasabonmo encantador, de honestidade, de pureza, de virtudes, de inteligência.

Pacheco foi todo nesta terra — desde deputado a presidente de ministros. O seu enorme talento assemblava a oposição — que dava, como dizia Eça, patadas no chão, gritando: «Vra já é ter talento de mais!»

Acácio, modesto, nunca passou de director-geral — como muito bem disse o dr. Ramada Curto — porque a burocracia sem Acácio, não seria uma burocracia.

E do venerando conselheiro aquéle despacho descoberto por Oltremiro César, que é da privança de S. Ex.\* e que, como jornalista, por duas vezes o entrevistou na sua casa do Fregal («queremos-se tudo — depois de devidamente passado à mídquinal» refreio-se e volta a atulhava o ouvivo). Sabese, também a tenura que éle mantinha pelo culto das Artes. O preclaro cidadão — símbolo de uma sociedade, que éle tanto respeitou — foi locada extinto de ralcaço numeroso e interessado auditório que o conselheiro executou a «Luíam», em flauta, só para si, certa vez que o visitou.

João Bastos foi, porém, dos oradores o que a sorte mais protegeu. Porque? Já chegou às Belas-Artes, com a sessão aberta. A sala apinhada. Ambiente de animação — e solidariedade em honra da gargalhada. João Bastos quis romper para junto da mesa. Foi então, que, ao laadar a escadaria encontrou, ostoso com a parede, um vulto, alto, de rosto de peacock entoadado num retuíado solarrinho de goma, a pérola de prto, a testa ampla, com camarinhãs de suor, franjada de espanto e emoção.

Era o conselheiro. O consagrado comediografo curvou-se ligeiramente — e o conselheiro ao ver-se descoberto, segredou: —

— Vim, só para dizer que não vinha! —  
De retirou-se no coupé que o esperava à porta, radiante por aquela pública demonstração de apreço as suas excepcionais qualidades de Escritor, Artista, Burocrata, que ainda um dia terá, — como disse o dr. Ramada Curto — uma edatua mais ou menos exotica de ralcaço para publicamente lhe agradecer o favor de, emora com sacrificios, ter assistido à sua «luíam», no D. Maria.

Armando Ferreira e Carlos Simões incensaram o nome do illustre académico, esperando que Acácio viva eternamente debaixo deste só português.

O busto de S. Ex.\* que foi inaugurado é um inspirado trabalho, do artista João Rocha Denis.

Fernandes da Silva, Rocha Vieira, Borges Cordeiro, (Zéco) Taborda, Meco, Alfredo Cândido, Leila Rosa e Leonel Cardosa, artistas que o publico se habituou a distinguir deram relvco, com os seus espirituosos desenhos, à homenagem ao conselheiro Acácio.



Por iniciativa do «Journal de Noticias», do Porto, realizou-se o II concurso nacional do Vestido de Chita, concorrem raparigas de todo o país. As concorrentes de Lisboa com os membros do júri. A «Rainha de Lisboa» — quem sabe se a vencedora absoluta do concurso — ladeada pelas suas «damas de Honra».



O sr. Presidente da Republica, num gesto que significa o seu apreço por uma obra social bastante simpática, foi há dias a Albarraqe inaugurar o novo edificio escolar do Orfanato-Escola de Santa Isabel. A cerimonia assistiram outras entidades officiaes. Nas fotos, o Chefe do Estado passando revista a alguns dos futuros alunos e condecorando com o grau de comendador da Ordem de Beneficência o sr. Alvaro Vilela, grande animador dessa obra e conhecido banqueiro de Lisboa — um homem que, com coração e inteligência, sabe pôr o que tem a favor dos que precisam



A sala de aula, em classe normal, da escola de arte de Lisboa.



Uma das professoras da escola de arte de Lisboa.



A sala de aula, em classe normal, da escola de arte de Lisboa.



Um dos grupos de alunos da escola de arte de Lisboa.



Uma das professoras da escola de arte de Lisboa.

# EXISTE EM LISBOA UMA ESCOLA DE ARTE DE DIZER SEM SER A DO CONSERVATÓRIO!

**Q**UANDO nos chamamos, não sabemos bem o que queremos dizer. Queremos falar do Conservatório Nacional, do grupo de artistas tradicionais, um grupo antigo, já se sabe, com uma tradição de honra e respeito. Mas queremos falar de uma escola de arte de dizer sem ser a do Conservatório. Uma escola que nasceu em Lisboa, em 1920, e que se desenvolveu ao longo de dez anos, sob a direção de Maria Figueiredo, uma professora que nasceu em Lisboa, em 1920, e que se desenvolveu ao longo de dez anos, sob a direção de Maria Figueiredo.

Esta escola de arte de dizer sem ser a do Conservatório nasceu em Lisboa, em 1920, e que se desenvolveu ao longo de dez anos, sob a direção de Maria Figueiredo, uma professora que nasceu em Lisboa, em 1920, e que se desenvolveu ao longo de dez anos, sob a direção de Maria Figueiredo.

Esta escola de arte de dizer sem ser a do Conservatório nasceu em Lisboa, em 1920, e que se desenvolveu ao longo de dez anos, sob a direção de Maria Figueiredo, uma professora que nasceu em Lisboa, em 1920, e que se desenvolveu ao longo de dez anos, sob a direção de Maria Figueiredo.

**TRINTA SEGUNDOS TRADUZIDOS EM LIBRAS... SENSACIONAIS CONFIDÊNCIAS DE FRANCISCO MATA**

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

**SE A DO CONSERVATÓRIO!**

—Quer o senhor...  
—Não se preocupe com o nome misterioso desta escola, com o nome misterioso desta escola, com o nome misterioso desta escola.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

**APÓS MAIS DE 10 ANOS DE AUSÊNCIA DE MARIA SIDONIA VOLTOU AO MICRO-FON DA EMISSORA**

**N**o melhor momento para Maria Sidonia se deu de voltar ao rádio de Lisboa. Depois de 10 anos de ausência, ela voltou ao rádio de Lisboa. Depois de 10 anos de ausência, ela voltou ao rádio de Lisboa.

**FALTA DE DESPORTO... AFINAL O CABRITA JA NAO VEM PARA LISBOA**

**E**STE não é o melhor momento para o Cabrita voltar a Lisboa. Depois de 10 anos de ausência, ele voltou a Lisboa. Depois de 10 anos de ausência, ele voltou a Lisboa.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

Se a Bíblia é uma mesma coisa em todas as línguas, não há de ser também a mesma em todos os idiomas. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês. É assim que acontece com a Bíblia em português e em inglês.

## Vidro - transparência

Desde as antigas vitrais que é conhecido o vidro. E desde há muito que se sabe relativamente ao efeito da transparência ao reflectir parte da luz que incide sobre a sua superfície. Porém, é uma nova descoberta científica a que se refere.

O professor inglês trata esse assunto, de uma maneira bastante interessante, na obra "The Glass of Tomorrow". A obra, de 128 páginas, contém uma descrição das técnicas modernas de fabricar vidro — o vidro comum, o vidro borossilicato — e dá conta de todos os aspectos — físicos e químicos — da matéria.

Os aspectos que trata descrevem, com o auxílio de figuras, técnicas modernas, como a fabrica de vidro laminado e a fabricação de vidro temperado. Há ainda, e como não é de admirar que esse livro esteja destinado a um público especializado. Mas esse não se dá ao caso e é de interesse geral para todos os que se interessam por vidro, em particular, e por vidro laminado e vidro temperado em particular. Interessante também são as notas práticas de como fabricar vidro de grande qualidade e de vidro.

## POMPEIA



O rei da América, Pompeia, foi o primeiro a descobrir, em 1763, a existência de um mundo subterrâneo. Desde então, milhares de pessoas têm vindo a descobrir a existência de um mundo subterrâneo. Este mundo subterrâneo é conhecido como Pompeia. É um mundo maravilhoso, cheio de riquezas e de maravilhas. É um mundo que todos os homens devem conhecer. É um mundo que todos os homens devem amar. É um mundo que todos os homens devem servir. É um mundo que todos os homens devem salvar.

## LE PIVER



# FOI A VOLTA DESTAS FIGURAS QUE SE FIZERAM AS ELEIÇÕES INGLESAIS É A VOLTA DELAS QUE SE FARÁ A POLÍTICA DA INGLATERRA NO FUTURO

Uma primeira vez na história política da Inglaterra, as eleições para o Parlamento foram realizadas em condições de plena liberdade política. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

### Winston Churchill



Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

### Brendan Bracken



Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

### Harold Lasky



Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.



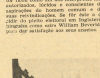
Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

### Herbert Morrison



Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

### William Beveridge



Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

### Archibald Sinclair



Quando se realizou a sua campanha de campanha livre, foi a primeira vez que um partido político não tinha sido livre para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente. Desde 1918, os partidos políticos não tinham sido livres para fazerem campanha livremente.

## A LENDA DE EVA BRAUN



O retrato de Eva Braun, em formato de sala de estar de Adolf Hitler, em 1945, quando ela estava com ele na sua casa em Berlim.



Uma fotografia do apartamento de Adolf Hitler em Berlim, em 1945, quando ela estava com ele na sua casa em Berlim.

# Como se brinca com a vida...

(Continuação da página 18)

**PASTA MEDICINAL**  
**Conto**  
**TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA**

Medicinal pequena — tubo 11800  
Medicinal grande — tubo 17850  
Vulgar pequena — tubo 800  
Vulgar grande — tubo 7800

**Toko MATA**  
**PERCEVIZES**  
**PELUGAS**  
**TRACA**

Vende-se nas Farmácias e Drograrias

**Depósitos: Cada caixa 3500**

Liberto—Largo do Contador, 80, 108

Porto—Largo de S. Domingos, 4/A

# DETECTIVE

COMPRE AVULSO OU FAÇA A SUA ASSINATURA. SENDO ASSINANTE DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA", RECEBERÁ "DETECTIVE" GRATUITAMENTE.

# REPREENHIMOS NOSSA REPRÉZENTEM

(Continuação da página 7)

ses atacavam os navios mercantes e os interesses americanos foram directamente lesados pela politica naval da Inglaterra. Dacul surgiu a guerra de 1912. A sua politica expansionista desceja, em primeiro lugar, o desenvolvimento economico.

Não foi a ambição de possuir um vasto imperio o que levava a America a expandir-se.

Análizemos alguns traços gerais das causas que levaram a America a querer possuir os territórios que lhe pertencem.

A compra do Alasca à Rússia, em 1867, teve o carácter economico, pois os Estados-Unidos pretendiam assegurar a posse da pescaria nestas paragens. O Alasca tornou-se, mais tarde, famoso pelos julgamentos auríferos que possuía.

O arquipélago das Ilhas Hawaii era uma escala importante entre a costa americana do Pacifico e a Asia. A questão da anexação ligou-se a um problema muito mais vasto: o da posição dos Estados-Unidos no Pacifico. Foi uma revolta indigena que facilitou o dominio dos Estados-Unidos nas Ilhas Hawaii.

Foi a guerra com a Espanha em 1898 e a necessidade de ter uma base naval no Pacifico devido à guerra nas Filipinas, que fizeram sentir à America a utilidade da anexação das Ilhas do arquipélago.

Ela foi decretada ao mesmo tempo que o tratado de Paris dava aos americanos a posse das Filipinas. O arquipélago tornou-se um território da União. Ao mesmo tempo, foi anexada a ilha Guam, nas Marianas, que formava uma outra escala importante para a navegação.

A posse das Filipinas foi o resultado da guerra hispano-americana de 1898.

O povo americano e o Congresso opunham-se à anexação, pois isto levaria o país a embrenhar-se na politica de expansão colonial. Mas o arquipélago das Filipinas era muito importante e os Estados-Unidos não o podiam deixar à mercê duma aggressão Japonesa. Desde que a ordem foi restabelecida, os americanos associaram a guerra ao governo e deram-lhe uma parte dos cargos administrativos. Pensam os americanos que a independencia das Filipinas dada pelos Estados-Unidos aos habitantes d'este arquipélago, que tão leais se têm mostrado.

Também Cuba passou ao dominio da América do Norte. E porquê? Porque Cuba guardava a entrada do Golfo do México... Nada, porém, assinala a melhor oportunidade para o imperialismo economico americano do que a construção do Canal de Panamá, que ligou o Atlantico ao Pacifico, facilitando a passagem das navios d'Occidente ao outro, sem terem a necessidade de fazer a travessia pela America do Sul ou dobrando o Cabo Horn.

Daí Estados-Unidos não pôde, que não queriam deixar-se distanciar nem pela Inglaterra nem pelo Japão, cujas ambições imperialistas se impoem ás suas no Pacifico.

retingulo de luz. Silêncio trágico. Destruí a minha pistola e comecei a andar para a casa. O corredor estava francamente iluminado pela luz que vinha do gabinete de trabalho. A porta, arrombada, estava no chão. Os fios do telefone tinham sido cortados à direita e à esquerda, móveis caídos. Vi-se que os tinham trazido para barricar a entrada. A própria secretária estava voltada. A parede estava a abalar. Ao avôver, a meus pés um homem novo, com ligaduras melo arrancadas num ombro, de cara para baixo e com um machado na mão. Estava morto. Comprehendi... O último ruído que ouvira pelo telefone, fora Lavender's que se tinha decidido a atirar. Mas o doutor... Onde estaria o doutor? Devia ter fugido, a pé, a chuva... Fosse por cima do cadáver para chegar ao alzar onde a queda da porta cortara os fios do telefone. Liguei os fios.

Estava-me um amigo como, comissário da policia em Paris. O melhor era ligar imediatamente para a capital. Foi o que fiz. Nesse momento, o ruído de uma queda no primeiro andar fez-me levantar a cabeça. Alguém tinha caído.

Estava-me descobrindo o pior. As apalpeladas, parecia a luz do corredor. Subi a escada. No patamar, nada de anormal que atraísse a minha atenção, salvo um pequeno pósto de inércias, na parede, cuja porta fora quebrada e donde tinha desaparecido o machado.

Fiz funcionar uma série de interruptores. Vieram ondas de luz de todos os lados. Na minha frente, havia um pequeno corredor com passadeira. A direita, uma porta ainda aberta.

No fundo, em plena luz, de gravata desatada, com o rosto brilhante de suor, um homem avôver, cego, tropeçando, de mãos estendidas como um cão. Quando chegou ao pé de mim, vi-o cair de joelhos com as mãos na nuca.

Tinha os olhos fixos. Uma sensação de vertigem particularmente angustiante forçava-o a deixar-se cair. E só então vi que o doutor Filiz Lavenderie tinha perdido o razão, vindo por um mal que tinha imaginado em todos os pormenores...

# Esposas de Guerra

(Continuação da página 8)

assinálava a preparação dos tanques, ela convocou o seu conselheiro tecnico, e declarou:

— Que pensa o senhor doutor? — lhe disse ella. — Officialmente os nossos engenheiros detem-nos a construção de um engenho deste especie, não pode tratar-se senão de uma experiencia de laboratorio. Como quereria que uma máquina tão pesada pudesse manobrar nos nossos terrenos cortados por trincheiras e por buracos e com os seus movimentos?

Fraulein Doktor não insistiu. Mas eis que, pouco tempo depois, lhe chegou ás mãos um segundo relatório, sempre desta natureza, e com as mesmas fotografias. Apressou-se em avisar uma vez mais o conde von T...

E é evidente, que estes documentos são realmente perturbadores — reconhece elle — mas, praticamente falando, uma tal invenção não deverá preocupar-nos.

— Poderes fazer uma comunicação nesse sentido ao Comandante Quartel-Generaal? — perguntou Fraulein Doktor.

— Sim, toda a responsabilidade.

Algumas semanas mais tarde os tanques britânicos surgiram no campo de batalha. Quando M... Docteur soube disso, meteu numa malinha um relatório juntamente com a copia dos seus planos e fez-lhe enviar ao conde von T... a margem do relatório ella escreveu pelo seu proprio punho: «Este o que lhe resta fazer!».

Naquella mesma tarde, o infeliz conselheiro tecnico suicidava-se.

\*\*\*

Que a captura de tal mulher foi preciosa para os seus inimigos, não é coisa que se precise sublinhar.

Os Aliados viram-se afilhos para a apanhar. Estiveram a ponto de desistir várias vezes, pois não tinham a certeza de que a mulher era Fraulein. Mas apanharam-na e apanharam-na. Fraulein se ausentava frequentemente para a Holanda (nessa época um país neutro), onde só ali elle apanharam-na a pista os agentes secretos britânicos residentes em Rotterdão.

«E a ella, porém, não se deslocava senão de automóvel; uma mulher de dois homens valia sempre por ella. Graças a estas precauções e a outras (entre as quaes a arte de se disfarçar), pôde cortar ás voltas aos seus perseguidores.»

Entretanto, os Aliados obtiveram um effêmero successo contra ella quando, em 1917, conseguiram introduzir nos seus escritórios centrais de Anvers um agente, de nacionalidade belga, que tinha, para a persuadir, os seus sentimentos germanofílos. O homem trabalhou algumas semanas com ella, fazendo chegar a Rotterdão interessantes relatórios, mas apanharam-na e apanharam-na. Deixou a Fraulein pouco tenente ao seu gabinete particular, e sem lhe fazer qualquer pergunta, abateu-o com um tiro de revólver. Uma vez mais ella tinha trocado as voltas...

\*\*\*

Que é feito della actualmente? Pretende que ella tem mais de oitenta annos, e que acaba pacificamente os seus dias na Alemanha, numa grande propriedade senhorial, legado por elle a um filho de alta estirpe.

O escritor sueco Knut Dal assegura, entretanto, que ella morreu há relativamente pouco tempo no pedregal de Bude, que foi enterrada num modesto cemitério de aldeia sob uma anónima pedruzca tumular com este epitáfio por ella mesmo ditado: «Aqui repousa uma mulher que lutou pela pátria alemã.»

# O REI VAI NUN!

(Continuação da página 3)

trico, perguntando-lhe pela tia, o galo, o craveiro de memezada, e cota mais insignificante d'esse mundo. Numa palavra: viver, convencer, irradiar. Sermon a homem entre os homens, e não extrahir a reboabadas, bilhões, milhões sem termos de quê!

— Não se, por favor, na rua, passa um atala que nós sabemos de que sua reatena importância, ostentar o traje de Adão e corça de papoia, grato mesmo, to do galo, do craveiro, do conto.

— O rei vai nu!

Eis o que devemos à verdade.

ARTUR PORTELA

# As 10 mulheres mais belas de Hollywood

(Continuação da página 3)

feminina, e cuja competência foi reconhecida pelos próprios galãs que votaram.

E Ed Sullivan estabeleceu a lista que se segue:

- Rita Crawford.
- Dolores del Rio.
- Lore Young.
- Olivia de Havilland.
- Marilyn Rhoton.
- Virginia Bruce.
- Hedy Lamarr.
- Gretchen O'Neil.
- Ingrid Bergman.
- Mariene Dietrich.

Estas não são dez mulheres mais belas de Hollywood, mas as dez que Ed Sullivan escolheu. Sullivan — não é só perfeição fisica, mas também personalidade. E assim se explica a inclusão e exclusão de cada leitor. Se não está de acordo, lembre-se, que em matéria de apreciações femininas, os critérios variam, embora cada um reputa o seu, como sendo o melhor e o mais justo.

HORTENSE DE ANDRADE



## QUAIS SÃO AS FLORES?

**SEREIAS DO SÉCULO XX  
PERFUMAM OS SEUS  
CORPOS EM PISCINAS  
COBERTAS DE GAR-  
DÊNIAS**



**E**STAS fotos vieram de longe: do «Fortim das Flores», próximo das montanhas de Vera Cruz, no México. A população do «Fortim» vive da venda das flores: camélias, lírios, aguileias, gardênias, gladiólios — um mundo colorido e bizarro, disperso por jardins de sonho. As flores crescem por toda a parte. A cada canto há um «coveiro» para espécies raras. Que admira, pois, que neste paraíso, três raparigas encantadoras do cinema mexicano resolvessem fazer inveja às suas colegas de Hollywood, semeando as flores das gardênias na superfície da piscina, e dando, assim, motivo a estas encantadoras fotos?

Um mergulho na piscina — mesmo de chapa — que o lençol de gardênias amortecerá a queda.

E, depois, o prazer do ambiente perfumado, e a delícia dum banho em tão gentil companhia! Que fotógrafo não desperdiçaria a sua máquina? Só algum que, de encantado com a visão, deixasse cair a máquina e preferisse, ao olhar da objectiva, o seu próprio olhar...

Que pena, leitores, o México ser tão longe! Sendo, qual de nós não se habitaria às delícias dum banho excepcional, entre gardênias perfumadas e mulheres bonitas?





**S**OUBE por uma pequena notícia, sem comentários, publicada na maior parte das revistas de Medicina, da morte daquele que foi meu mestre e meu amigo: Neurologia; faleceu ontem, 12 de Janeiro, na Casa de Saúde do Professor Belle, o doutor Filipe Lavendrie. O sábio cujos notáveis trabalhos sobre a sugestão curativa não foram esquecidos, contava cinquenta anos. Uma doença cruel mantinha-o afastado há anos de toda a actividade científica. A sua filha, Madame Gabrielle Bredon, apresentou-as mais sinceras condolências.

Gabrielle... Terá passado já tanto tempo que eu possa hoje evocar o drama sem horror?

Há dez anos que essa terrível aventura me enfiou, que não se brinca com a vida nem com a razão de um homem.

Sendo eu a única pessoa que, como Gabrielle, conhece a verdade íntima da loucura do doutor Lavendrie, vou contá-la.

Lavendrie, de quem eu era assistente, comprara, nos primeiros dias de Setembro, a pequena clínica do seu colega Mourailloux, na orla da floresta de F., moradia sem estilo, com um imenso parque e jardins rios as silvas tinham invadido, de castiões despintados, de telhas descoradas. Tudo contribuiu para envolver o ósias numa atmosfera monótona e deprimente.

— Ou Gabrielle que me deu a notícia. O meu primeiro movimento foi...

— O quê? O ósias? Terá o seu pai pensado em se enterrar vivo nesse túmulo de verdura e unidade?

— Qual! Conserváremos a casa de Paris. No ósias o papá pensa apenas instalar e aumentar o laboratório. De ruidos da cidade tornam-se o trabalho impossível.

Passaram meses durante os quais não se falou mais disso.

Lavendrie dava os últimos retoques no seu novo hipódromo, e só raras vezes fôrnel a encontrar Gabrielle, que o pai encarregara de lançar comercialmente o seu específico.

\*\*\*

Trabalhámos até tarde nessa noite. Como eu deixasse escapar um movimento de impaciência ao consultar o relógio, Lavendrie disse-me: — Janta hoje comigo, Gerardo. Estará lá o Brouillet, do Instituto. Vou apresentá-lo.

Acetitei. Foi apresentado ao célebre neurologista, que se mostrou simpático e encantador. Na primeira parte do jantar falou-se de diversas coisas.

— Meu caro — dizia Brouillet — a sugestão nunca poderá desempenhar mais do que um papel análogo ao do lavrador que prepara o campo para a sementeira. Convença um doente... Consigna que ele se convença de que a sua tífico; o mais que conseguirá é que ele seja particularmente favorável ao tifo. Mas se o microbário não o ataca, o organismo não lhe irá encetar bacilos espontaneamente...

— De acórdio! — exclamou Lavendrie. O que eu quero dizer não é isso. Digo apenas isto: há germes que andam em nós e ainda não encontramos a sua forma de doença. Atribuímos a enfraquecimentos nervosos certas doenças mal determinadas... Se pela sugestão, algumas destas acções podem transformar-se em doenças que revelam a existência de micróbios novos...

— Em resumo — voltou Brouillet a dizer — acha que não há já bastantes doentes?

— Eu observava Lavendrie. Falava depressa. Tinha tiques no rosto. Por vezes levava a mão espalmada à testa. Uma dor viva obrigava-o a pestanejar.

\*\*\*

Nos dois primeiros dias de Dezembro, Lavendrie, que se tinha ferido na mão direita, preguntou-me...

— Quer levar-nos amanhã, a Gabriela e a mim, ao ósias? Passa o dia conosco.

— Acabei o ósias completamente transformado. Quando me dispunha a subir a escada que leva ao primeiro andar, Lavendrie correu para mim pron-

tamento. Logo a seguir, disse com o ar mais amável:

— Não consinto que suba. Há por lá calça e poeira aos montes, que são ainda os únicos ornamentos do primeiro andar!

Esqueci o incidente para pensar apenas no almoço, que foi, em tudo, digno do novo cenário.

Gabrielle mostrou uma alegria nada habitual, e por duas ou três vezes julguei perceber uma nota falsa naquela exuberância. A sobrezebra, já longe de toda a curiosidade, uma campanha estridente fez-me estremeecer. Não pude deixar de interrogar os olhos do doutor Lavendrie. Nem um traço do seu rosto se moveu. Voltouse para Gabriela, que tinha empalidescido, e disse:

— O vento tornou a provocar um curto-circuito. Vai ver, Gabriela...

— O vento tornou a provocar um curto-circuito. Vai ver, Gabriela... O pai não a perda de vista. E passou um quarto de hora.

Involuntariamente, baixei os olhos para um tapete que ela acabava de pisar-depois de ter vindo de um corredor, que o doutor me tinha dito estar cheio de poeira e de calça...

Nem vestígios! Trazia os sapatos limpos.

\*\*\*

Passaram ainda algumas semanas, durante as quais Lavendrie me pareceu particularmente nervoso e Gabriela me pareceu inquieta. Pensei por diversas vezes em falar francamente a Gabriela da minha inquietação. Ia decidí-me a esta franqueza quando um acontecimento imprevisto aumentou mais ainda os meus pressentimentos.

Pelas cinco horas, Lavendrie saíra do laboratório, dizendo-me:

— Devo ter apanhado frio, Gerardo. Vou tomar qualquer coisa quente. Não perceba de vista esta solução de tife a do lume antes de ferver.

E, sem mais explicações, o doutor saiu deixando o sobretudo no cabide. Foi ao cabide. Da algebrisa esquerda do sobretudo saía um jornal. Ler jornais era coisa rara em Lavendrie, que tinha um grande desprezo para tudo quanto fosse actualidade de grande espectáculo.

Tirei o jornal. Eram dois, afinal. Havia uma notícia marcada a lápis azul:

Nessa notícia descrevia-se a agressão de que tinha sido vítima, há dois meses, certo automobilista. O infeliz, que tivera tempo para se defender e fugitar o bandido, acabava de falecer. Tinha-se perdido os vestígios do agressor.

Uma batida organizada na floresta pela polícia de F., nada diti, dizia.

O doutor Lavendrie, o bem conhecido homem de ciência cuja casa fica perto do local da agressão, atraído à janela pelos tiros, não conseguira distinguir o agressor.

— O malandrin refugiou-se no parque do Ósias e caiu nas mãos de Lavendrie, que consentiu em tratá-lo. Por quê?

Qual a razão? Era preciso descobri-la.

\*\*\*

Mal tinha acabado de apañar uma carta que me tinham enviado por baixo da porta, quando ouvi bater. Acendi a luz e fui abrir.

O relógio deu onze horas da noite. Gabriela estava no patamar. Olhou-me demoradamente antes de entrar. Depois, sem uma palavra, tirou o còrpo de pele e as luvas. Ao chegar ao meio da sala, voltou-se com a mesma terrível hesitação no olhar:

— Nada tem a recuar de mim, nada tem a temer da minha discríção, Gabriela; sei que há um homem, um outro homem além de seu pai, no primeiro andar do Ósias. Tem medo?

— Encostou-se ao meu ombro mordendo os lábios para não chorar.

O Gerardo não sabe tudo...

E tirou da mala um livro de apontamentos, que recbebi imediatamente. Era um desses cadernos cobertos de pano cinzento de que Lavendrie se servia para anotar os resultados das suas experiências. Abriu-se quasi por si. E eu li:

«A partir destes sinais, deixei adivinhar ao ferido a gravidade do seu estado imaginário. Já ontem à noite ele me preguntou: «Estou perdido, doutor? Resposta: Qual! Isso sim! Responde-me apenas: não sente uma grande dor na nuca quando fixa a lâmpada eléctrica? Pestanejou.» A resposta veio lentamente: Sim... parece-me... Ah! sim, sim... Amanhã deixar-he-ei ao alcance da mão, desfazadamente, uma folha de papel na qual poderá ler: quando aparecerem as dores provocadas pela luz, a vista enfraquecerá. O cérebro congestionar-se-á. O doente terá uma sensação de vertigem que o forçará a estar deitado.

«Se todos estes sintomas se derem, interromprei a experiência. Há horas estive quasi a ter do dote homem. No fim de contas, é um malfetor. Paga à Ciência o que deve à sociedade.»

Agora sabia tudo. Lavendrie tinha recolhido o miserável para tentar com ele uma deshumana experiência de sugestão.

Lembrei-me de todos os gestos confusos de Lavendrie, de todos os seus nervosismos logo reprimidos...

A a falar quando um novo sentimento se apoderou de mim; o sentimento do inevitável. Foi então que o telefone tocou.

A princípio ouvi apenas pancadas abafadas. Depois, a voz desvairada de Lavendrie gritou-me aos ouvidos:

— E o Gerardo? E você, meu filho? Venha ao Ósias, de stáxiu... Venha! Arme-se... Depois lhe explicarei...

E houve um ruído mais violento do que os outros, e a ligação foi cortada.

— Era o teu pai, Gabriela, disse eu. Precisa de mim. Nada recuse... Tudo se há-de arranjar.

Gabrielle limitou-se a repetir a minha frase com os olhos desviados de mim.

Cinco minutos depois corrimos a cem quilómetros à hora por uma noite escura como tinta.

— Tráve-la da chuva, olhei para a casa. Só uma janela do rés-do-chão recortava na escuridão um

(Continua na pda. ❖)

PORELS JURANLLE

# PAI E FILHO

## ARTISTAS NO MESMO FILME



FATÍCIO ALVARES LEU O PAPEL A SEU FILHO, O NOVO ARTISTA JOÃO MANUEL.

**A**záfama, nos estúdios, é grande. Armando Miranda não descansa. Está em todo o lado — verdadeiro cérebro daquele trabalho.

As últimas voltas de manivela do novo filme o «Zé do Telhado» estão a ser dadas. Os artistas sorriem, satisfeitos, num curto intervalo. Num grupo ruidoso, o repórter, por força de hábito indiscreto e curioso, foi encontrar Patrício Alvares, um dos nossos mais probes e inteligentes artistas de cinema.

Patrício Alvares, homem da rádio, jornalista e crítico, poeta duma personalidade muito sua, um dia deixou-se sentir pelo cinema. «A Severa», o «Fôrto de Abrigos», onde interpretou papéis, provaram que Patrício Alves era um elemento de valor dentro do nosso cinema.

Consciente e modesto, Patrício Alves, que é a quinta vez que entra em filmes, é avesso a entrevistas por temperamento. Gosta de ouvir falar aos outros — de si, apesar de comunicativo, raramente se a arranca uma palavra.

Destá vez, porém, o caso tinha de mudar de figura. É que o artista trazia, ao seu lado, uma nova revelação para o cinema nacional: o seu filho João Manuel, um garoto vivo, que ainda não fêz nove anos.

Ora, exactamente, nesse grupo de artistas, Patrício Alvares dava indicações ao novel artista de cinema que, muito contente, o encutava com toda a atenção.

— Aqui não há pai nem filho.

## UMA ENTREVISTA QUE PATRÍCIO ALVARES NÃO DEU...

ouvint' Eu sou um artista mais velho — e o menino é...

— Um artista que chegou agora! — acrescentámos.

Patrício Alvares obiou-nos, meio desconfiado. Queria saber quem era aquele intruso que se metia na conversa. Mas nós já nos conhecíamos. Em Lisboa toda a gente se conhece. Somos todos vizinhos da «Brasileira» e do «Café Chladio». Uma troca de apertos de mão, e as credenciais estavam entregues.

— Está satisfeito com o novo filme?

— Imenso. Este «Zé do Telhado» vai dar que falar. É um filme audacioso, como o nome indica.

— E revelou-se?

— Muitas! — diz-nos convicto. — Olhe, a Patricia de Lencastre, muito bem caracterizada por Júlio de Sousa, vai, com certeza, agradar em cheio!

«O principal papel feminino, como sabe, é feito por Adelina Campos — essa deliciosa actriz do Teatro Nacional, que tem uma voz privilegiada. Há nela um encanto irresistível, que subjugá e encanta.

— E dos homens?

— Virgílio Teixeira é um «Zé do Telhado» autêntico, dos que roubam aos ricos e espalham pelos pobres, com o heroísmo dum bandeoleiro de coração. Juvenil de aspecto, não deixa de marcar, com excepcional relêvo, outra grande figura.

Reparamos que Patrício Alvares, afinal, só fala dos outros, como é costume, pela sua modestia, e de si, nada.

— E o seu papel — volvemnos.

— Faço o Custódio da Boca Negra — o chefe da célebre quadrilha que o «Zé do Telhado» substitui, com mais audácia e terror.

«O argumento do filme é tirado do romance de Eduardo de Noronha — e nada tem com a opereta do mesmo nome.

— Gosta do personagem?

— Evidentemente. Interessa-me

sempre fazer os meus papéis com todo o rigor, verdade e ambiente. Estudo, aprofundo a psicologia que o intérprete há-de revelar ao público — numa palavra: meto-me dentro do papel, ao contrário de meter o epapel' dentro de mim.

«Procuo, assim, dar-lhe maior relêvo artístico. Não me interessa que me conheçam a mim. O que eu quero é que vejam a personagem que interpreto.

— E o seu filho? Que tal vai?

— Bem... — continua o artista com um sorriso de íntima satisfação.

«Ao princípio achou tudo isto uma grande balbúrdia, e fêz-lhe confusão. Porém, foi-se acostumando. Agora já não há quem o arranque dos estúdios.

— E o papel é curioso?

— Sim, se atendermos à maneira como o «Zé do Telhado» está a ser feito. É muito popular — uma coisa para entusiasmar o público.

«O filme começa por nos apresentar uma mulher que é encontrada caída no meio da serra, coberta de neve. Um homem encontra e recolhe-a em casa. Que teria sido, o que não teria perguntase. Alguém se lembra de dizer: «E se tivesse sido assaltada?».

Mas o homem que tinha socorrido a mulher caída, atrai com esta frase: «Qual assaltada, nem meio assaltada!» O tempo do «Zé do Telhado» já acabou...

Há uma criança, filha da casa, que ouve a frase do «Zé do Telhado» já acabou, e quer saber a explicação disso. Quer ouvir a história toda. E assim, pois, que o filme desliza no «écran» — descrevendo as grandes proezas do mais célebre quadrilheiro de Portugal.

Patrício Alves vai ficar novamente sob a objectiva. A entrevista, também, já estava feita. Aqui garantimos de não a deus; mas nós ouvimos isto da sua boca.

E aqui está, leitor: agora, veja, não diga nada a ninguém!

Seja discreto, como nós.



## A DESPEDIDA DUMA GRANDE ACTRIZ ADELINA ABRANCHES VAI REPRESENTAR A SUA ÚLTIMA PEÇA

**A**DELINA tem os olhos marejados de lágrimas. Diz-se que o seu coração sangra mal se lhe fala no teatro e nessa noite gloriosa, de platéias entusiasmadas aclamando o seu nome.

«Será a minha despedida — diz-nos com a voz emocionada — a renúncia obrigatória por uma vida que tanto amava.

— E que peça representará?

— A «Bela Aventura». Faço um papel que está dentro da minha idade. Não os cinco anos, meu amigo! Como tudo isto passa tão depressa...

Há na sua voz um tom magoideado de desalento. Nos seus olhos, a que a luz da ribaliba ajudou a roubar o brilho, perpassa, novamente, uma névoa de saudade.

«E Adelina fica a pensar. Em quê? No turbilhão da vida. O Brasil, que a recebeu de braços abertos e lhe deu as mais fervorosas palmas; as «stourneés» quentes de entusiasmo e vibrago; os estrondosos êxticos de Apolo, em que as platéias choravam com o drama — e o génio da interpretação. Tudo, afinal, a cavalgada da vida levou de roldão.

Há, naquele curto silêncio, a evocação do passado. Todos o sentimos. A cabeça já branca de Adelina era um símbolo. A vida estava ali com o seu cortejo de risos e lágrimas, de venturas e desalentos!

E Adelina, cansada, não tinha já coragem para olhar, de novo, para trás. Agora, à sua frente havia uma realidade que dia a dia ia tomando vulto — a representação da última peça, a coroação da despedida.

O público de três cidades vai receber Adelina. Lisboa prestar-lhe-á as devidas homenagens — que ela bem o merece.

Depois será o Pôrto — e Coimbra, a cidade dos estudantes, que Adelina nunca esqueceu no sabor romântico da sua voz.

«A «Bela Aventura» será, pois, para a grande actriz — a derradeira aventura dos seus oitenta anos gloriosos.



ASSIM APARECE PATRÍCIO ALVARES NO PAPEL DE «CUSTÓDIO DA BOCA NEGRA», UM DOS BANDELEIROS DO FILME



UMA CENA DA NOVA PRODUÇÃO PORTUGUESA DE ARMANDO DE MIRANDA



# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

mente, fértil em conseqüências políticas da mais alta significação, as quais se reflectiam nos interesses dos Estados-Unidos, no prestígio da causa aliada, na evolução da política francesa no próprio destino do almirante Darlan, que acabou por ser vítima da sua altivez e das suas contradições intermináveis.

O darlanismo ficou como uma das características da intervenção, por motivos de ordem militar, na política interna de alguns países europeus e constituiu um precedente que mais tarde viu multiplicados os seus efeitos numa escala inesperada.

#### ESTAVA O ALMIRANTE DARLAN CUMPLICIADO NO DESEMBARQUE DE 8 DE NOVEMBRO DE 1942?

O primeiro ponto a esclarecer é o da culpabilidade consciente do almirante Darlan nos acontecimentos que começaram a desenrolar-se no Norte de África em 8 de Novembro de 1942. Sabia ele o que se preparava, nessa altura, e que dar ao desembarque o seu concurso? Ou, pelo contrário, foi colhido de surpresa e tudo o que com ele se passou foi o produto de circunstâncias ocasionais e imprevisíveis?

O ministro residente da Grã-Bretanha, Sir Harold Mac Millan, foi a primeira pessoa a declarar que o almirante nada sabia, nem podia saber, do que se preparava. Os americanos corroboraram esta versão acentuando que o seu homem de confiança era o general Giraud e que, pelas suas atitudes anteriores, o almirante não poderia nunca contar nem com a sua protecção nem com a sua solidariedade.

O marechal Pétain condenou a atitude do almirante classificando-a e exprobando-a como uma autêntica farsa e como um acto de traição à confiança que nele depositara. O presidente Roosevelt, embora não tomando a iniciativa de desautorizar o procedimento do general Eisenhower, considerou, em declarações públicas, desde o primeiro momento, como extremamente arriscada a sãtica seguida com o almirante e previu, oportunamente, as complicações políticas a que ela daria inevitavelmente origem.

O presidente dos Estados-Unidos apressou-se, por isso, a declarar que o famoso acordo celebrado entre os

Almirante Esteva, o homem fiel a Pétain, que se opôs à acção aliada na Tunísia.

OS chefes militares americanos, ou mais concretamente o general Eisenhower, preferiram negociar directamente com o almirante Darlan a rendição das forças francesas que se concentravam no Norte de África a correrem o risco de negociações demoradas com personalidades cuja autoridade poderia suscitar dúvidas ou levantar complicações inesperadas. Para eles tratava-se, sobretudo, e antes de mais nada, de conduzir as operações, em terra, de modo a que estas se concluíssem rapidamente, evitando, a todo o custo, uma eventual intervenção das forças do Eixo que se encontravam na área do Mediterrâneo.

Para esses chefes militares, a posição pessoal de Darlan aparecia valorizada pelo facto de lhe haverem sido concedidos plenos poderes pelo marechal Pétain para agir no Norte de África. Era ele, efectivamente, que representava a autoridade política e militar legalmente reconhecida. Foi com ele que o general Eisenhower, por intermédio do seu subordinado, Mark Clark, se entendeu para fazer cessar as hostilidades o mais rapidamente possível. Os americanos foram, assim, levados a solicitar, e não apenas a aceitar, o concurso do almirante Darlan, sem perderem tempo a estabelecer distincções políticas, não tendo-se exclusivamente pelas razões de ordem militar que ditavam o seu procedimento.

Esta decisão revelou-se, posterior-



Harold MacMillan, ministro residente britânico na área do Mediterrâneo, conversando com um soldado inglês que se fez notar pela sua acção prótica contra o inimigo. MacMillan teve um papel importante na preparação do desembarque aliado no Norte de África.

O almirante Darlan — pouco tempo antes da sua trágica morte, um dos capitulos ainda mal conhecidos do drama da guerra actual — conversando em Argel com o general Eisenhower e o general Clark.



Generais-comandantes das forças aliadas assistindo a um desfile de tropas em Tunísia. No grupo, entre outros, o general Juin (à esquerda) e o general Giraud (o primeiro da direita).

chefes militares americanos e Darlan, o qual constituiu o fundamento da cessação das hostilidades, e ficou conhecido pela designação de acordo Clark-Darlan, tinha um carácter transitório e local e não envolvia a responsabilidade do governo de Washington. Esta declaração não bastou, porém, para tranquilizar os espíritos que se mostraram alarmados com a natureza e a extensão das concessões feitas a Darlan e aos que com ele se mostraram dispostos a colaborar imediatamente.

#### A VERSÃO DO 'TIMES' SOBRE O QUE SE PASSOU EM ARGEL

O 'Times', de Londres, foi o primeiro jornal a fornecer ao público uma versão autorizada sobre o que se passou em Argel e sobre as condições que levaram os Aliados a negociar com Darlan a fim de evitarem uma inútil efusão de sangue e impedirem que os alemães e Italianos chegassem a tempo de prejudicar o desembarque que tão grande influencia se destinava a ter no curso da guerra.

«A história que vamos relatar — diz a seguinte conhecida jornal inglês — é perfeitamente fundamentada e oferece um incontestável interesse. Esta história serve para esclarecer a posição de várias personalidades políticas e militares que tomaram uma parte destacada nos acontecimentos que se desenrolaram no Norte de África.

A história começa com a vista secreta que o general Mark Clark fez e as entrevistas, igualmente secretas, que teve com alguns chefes militares franceses no Norte de África. O seu seguimento principal se deu com o aparecimento inesperado do almirante Darlan e do general Juin em Argel. Quando o general Giraud, que tinha o apoio inflexível do presidente dos Estados-Unidos, chegou a Argel, o seu primeiro cuidado foi ordenar a prisão do almirante Darlan, que all se encontrava, o mesmo fazendo em relação ao general Juin, por ter a suspeita de que ambos se oprimiam ao desembarque e às operações militares que se deviam seguir imediatamente.

A medida, porém, que o desembarque prosseguia, o general Giraud reconheceu, com facilidade, que as complicações organizadas não eram bastantes nem suficientemente poderosas para evitar que entre americanos e franceses se travasse uma luta sangrenta. Em Argel, em Orán e, sobretudo, em Casablanca, a resistência tomava aspectos que podiam fazer perigar o êxito da operação.

Giraud preferiu por isso envolver pelo caminho de uma negociação política com os seus dois prisioneiros.

#### AS NEGOCIAÇÕES ENTRE O GENERAL GIRAUD, O ALMIRANTE DARLAN E O GENERAL JUIN

O relato do 'Times' prossegue nestes termos:

«Giraud mandou chamar Darlan à sua presença, e como éste se fizesse acompanhar por Juin, procurou convencer ambos de que o melhor serviço que poderiam prestar à França consistia em se associarem à acção empreendida, devendo, para isso, o primeiro dar ordem para cessar fogo em todos os pontos onde a luta continuava. Ambos aceitaram a proposta de Giraud e se prontificaram a prestar os serviços em que imediatamente podiam ser úteis.

O almirante Darlan deu, depois das conversações que se seguiram com o general americano, Mark Clark, ordem para cessar fogo em toda a parte onde a luta contra as forças alemãs e italianas se continuava. Por seu turno o general Juin ofereceu-se para seguir imediatamente para a Tunísia, a fim de se avistar com o almirante Esteva, residente da França em Tunísia, para lhe dar conta do que se passava e para conseguir igualmente a sua adesão. Efectivamente, o general Juin avisou-se, como prometera, com o almirante Esteva, e com o comandante das forças francesas da Tunísia, general Bari, e ambos prometeram a sua colaboração sem reticências.

O almirante Esteva devia impedir o desembarque das forças alemãs que estavam a ser preparadas na Sicília para deter o avanço dos ingleses.

(Continua na pág. 16)

# ROOSEVELT

## O NOVO MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DOS ESTADOS UNIDOS

POR JOSÉ CORREIA RIBEIRO

de Byrnes nem uma só vez se afastou do bloco de apontamentos que tinha na sua frente.

Admitido no fóro norte-americano em 1903, depressa ganhou fama e foi nomeado promotor de Justiça do distrito em que vivia. Comprou o jornal da localidade e, pouco depois, partiu para Washington.

Durante os seus mandatos no Senado, travou conhecimento com Harry Truman, de quem se tornou amigo íntimo. Truman e Byrnes sentiam-se irmanados por sentimentos, qualidades e antecedentes comuns. Ambos eram de ascendência humilde, e tanto um como o outro eram obscurecidos pela personalidade caracteristicamente vibrante do Presidente Roosevelt.

Em 1942, o falecido presidente arrancou, de novo, Byrnes da tribuna do Supremo e colocou-o à frente do Departamento da Estabilização Económica e, mais tarde, nomeou-o director da Mobilização de Guerra.

Byrnes desempenhou-se com a maior competência destas tarefas e, a pouco e pouco, enfonhou-se cada vez mais nos assuntos de política externa.

Segundo alguns biógrafos, era costume de Roosevelt reúnir-se, com Harry Hopkins e James Byrnes, no seu gabinete da Casa Branca, a discutir com estes seus dois colaboradores, os planos de reorganização do Departamento do Estado e as novas directrizes constitutivas a introduzir na condução dos negócios estrangeiros.

«Magro, enérgico e modesto no vestuário, Byrnes nada se assemelha à ideal graça do diplomata elegante e melífluo; mas, no entanto, demonstrou já várias vezes que sabe ser, quando é preciso, um diplomata na verdadeira acepção da palavra — escreve Don Iddon, que o conhece pessoalmente.

A viagem a Yalta modificou de maneira radical o temperamento de Byrnes. Tornou-o irritável e até desdenhoso e insolente nas medidas que tomou em relação à frente interna norte-americana.

Impôs o recolhido dos civis à meia-noite, proibiu as corridas de cavalos e pôs em vigia centenas de restrições. Tornou-se, assim, o homem mais odiado dos Estados Unidos.

Imperturbável, declarou que, enquanto a Alemanha não fosse derrotada, havia de fazer sentir, na América, que não eram só os soldados que tinham de se sacrificar.

Pouco depois, porém, davase um desentendimento entre Roosevelt e Byrnes. Este ambicionava ser o novo Secretário de Estado em momento de Curdell Hull, mas foi Stettinius o nomeado. Byrnes ficou momentaneamente eclipsado e regressou à Carolina do Sul.

A morte repentina de Roosevelt fez com que Byrnes regressasse à capital, chamado à pressa por Truman, ao qual as vastas responsabilidades da chefia do Estado fizeram sentir a necessidade da presença dum conselheiro íntimo, cheio de experiência e de conhecimentos.

O novo presidente, conferenciou com Byrnes durante dias e dias sucessivos. Nos primeiros tempos de administração, Truman confiou implicitamente em Byrnes e, dentro em pouco tempo, começou a correr o boato de que este lá se era nomeado presidente-adjunto dos Estados Unidos.

### BOATOS E DESMENTIDOS

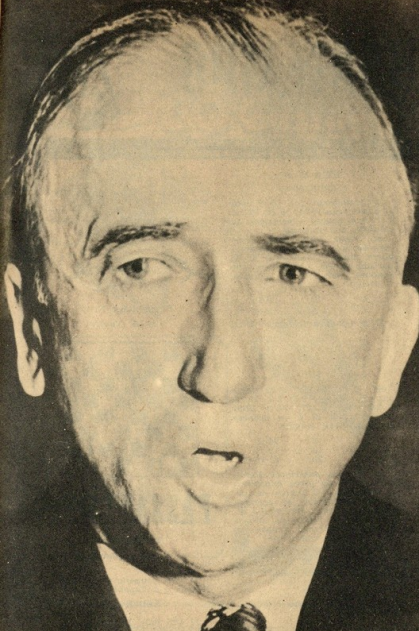
Ao saber isto, Truman não gostou e afirmou que Byrnes era simplesmente um amigo particular sem quaisquer funções oficiais e continuou a colaborar com os antigos auxiliares de Roosevelt.

Apear de tudo, os boatos não pararam de circular em Washington. Byrnes ia substituir Stettinius, diziam-se. De novo, a Presidência publicou outro dementido. Mas, os boatos prosseguiram...

Então, Truman anunciou a demissão Stettinius e a sua nomeação para o novo cargo de representante americano na Organização Mundial instituída para manter a paz.

No entanto, ainda desta vez não foi anunciado que James Byrnes seria o novo Secretário. Todavia, em todos os Estados da América do Norte se soube imediatamente que a nomeação não continuaria a ser retardada por muito tempo.

Com efeito, no dia 1.º de Julho, a nomeação foi publicamente anunciada e, dias depois, o Senado confirmava-a.



OS Estados Unidos da América têm um novo secretário dos Negócios Estrangeiros desde o dia 1 de Julho.

O sucessor do dinâmico Edward Stettinius é o não menos dinâmico James Byrnes. Duma maneira geral, é uma figura política pouco conhecida.

Nascido em Charleston, no Estado da Carolina do Sul, James Francis Byrnes tem sido, durante os últimos anos, um verdadeiro «spáris-choques» das questões suscitadas entre o Congresso e a Presidência.

É hoje e considerado o funcionário da Administração norte-americana que conta maior número de amigos em Washington e conhece e pratica a arte da política com o «vontade e os conhecimentos dum verdadeiro profissional, embora não seja um diplomata de carreira.

Na verdade, desde 1911, ano em

que foi eleito para a Câmara dos Representantes, Byrnes tem vivido nas mais diversas funções.

Durante os primeiros 14 anos de vida pública, desenvolveu a sua actividade na Câmara dos Representantes. Depois, candidatou-se a um lugar no Senado, mas foi derrotado. Porém, nas eleições seguintes foi nomeado por grande maioria e, quando terminou este mandato, foi imediatamente eleito pela segunda vez.

Em vista do excelente trabalho realizado por Byrnes no desempenho das suas funções de senador, houve quem o comesçasse a apontar como o provável Presidente dos Estados Unidos nas próximas eleições. Todavia, nesta altura, Roosevelt nomeou-o, em 1941, para o elevado cargo de membro do Supremo Tribunal, e o novo juiz abandonou de bom grado o escurçado campo da política de partidos para se declarar altamente aos sublimes e imutáveis princípios da alta Justiça.

### O HOMEM ESTENOGRÁFUO A CONFERÊNCIA DE YALTA

Até este momento, ninguém ainda pensara que Byrnes, o político, o senador e o negociador das questões internas do país, pudesse vir a ser de utilidade na condução dos negócios estrangeiros.

Contudo, Byrnes, homem que aprendeu a vencer na vida à custa do seu próprio esforço, tinha qualidades suficientes para ser um elemento preponderante da política externa dos Estados Unidos. E assim foi.

Foram estes conhecimentos que lhe grangeraram o primeiro emprego que teve — estenógrafo nos dois tribunais de Washington.

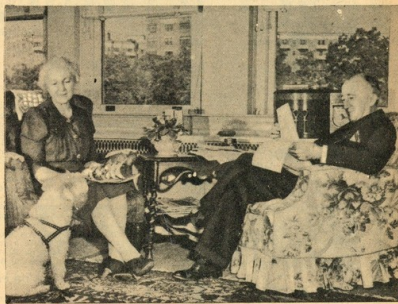
Hoje, Byrnes continua, a estenografar com a mesma «cuidade e rapidez de quando tinha vinte anos, e foi hábito modico, que, na qualidade de conselheiro de Roosevelt, fez um relatório pormenorizado da Conferência de Yalta, pois, enquanto Churchill, Estaline e Roosevelt discutiam animadamente, o bico do lápis

**"Thetis"**

**O CAMISEIRO DOS QUE VESTEM COM DISTINÇÃO**

RUA DA PALMA, 165-165-A

LISBOA



Byrnes na intimidade do seu lar acompanhado de sua esposa e do seu cão favorito.

# SE A PENICILINA FÔSSE REMÉDIO PARA TUDO...



Poderíamos aplicá-la contra a epidemia de fado nos cretinos...



E contra as esgançadas amadoras da Rádio...



E até para acabarmos com as egípcas da categoria dos pesados que há ai pelos teatros...



E para nos livrarmos das senhoras que conversam nos passeios, em grupo, quando queremos passar...



E para acabarmos de vez com os condutores malcriados...



...E com certos filmes portu-gueses de som indesejável!



# PASSATEMPO



DIREGIDO POR AGOSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 56 da Bandeira, 108, 3.ª - LISBOA

## DAMAS

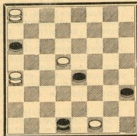
(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lajorra (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 62 (Final artístico)

«La Provinciana, 26/4/945 (Las Palmas - Espanha)  
Lema: «Damafoé IX»



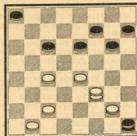
Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 29 (Inédito)

Por Luis António Davia (Lisboa)

Pretas: 6 pedras e 1 «dama».



Brancas: 5 pedras e 1 «dama».

Jogam as brancas e ganham.

(JOGO N.º 9)

1) Certamente que 15-19 com a continuação 19-11; 19-28, 32-23; 6-15 dá poucas esperanças de salvação das brancas.

2) Nesta 15.ª jogada pode fazer-se uma variante original nua, mais elástica que a da partida; porém, não cremos que conduza mais que ao empate. E assim:

4-7	13.ª	22-8
7-11	14.ª	.....
.....	14.ª	23-20
12-16	16.ª	31-28
16-23	16.ª	28-12
8-13	17.ª	32-28
15-20	18.ª	.....

E já temos a formação D-II:  
Se 15-19, 24-20; 19-22 (com outra prova); 9-5; 2-9, 20-15; 11-20; 18-2; 22-27, 2-24; 27-30 (se 27-31, 28-23 e as brancas estão melhor), empate.

.....	18.ª	24-15
11-20	19.ª	18-11
6-15	20.ª	21-18

As jogadas anteriores foram uma prova da força expansiva da formação D-II quando as «pedras» adversárias se apoiam nela e está nota: Recordar o dique que, ao romper-se, arrasa tudo com as suas águas. Daí ter-se-lhe dado esse nome.

20-24 (a melhor) 21.ª 18-13  
24-31 22.ª 13-6  
2-11 23.ª 8-5  
11-14 24.ª (forçosa) 5-1  
15-19 25.ª 1-5

E não vemos forma de ganhar com as brancas.

FIM

1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA DE «VIDA MUNICIPAL, ILUSTRADA»

Damos a seguir alguns resultados do 1.º Eliminatória deste campeonato:

Série G

Vencedor: Domingos Carvalho Cuixeiro (Lisboa).  
Eliminados: José António Vinagre Pereira (Setúbal), Bonifácio Augusto Gomes (Vila Viçosa) e António Eduardo Igrejas (Melgaço).

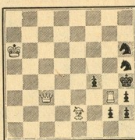
Série P  
Vencedor: Francisco A. Henriques (Almeirim).

Eliminados: João Manuel Marques Carolino (Pórtio) e Albino Pais (Nelas).

(Continua no próximo número)

## XADREZ

PROBLEMA N.º 2  
Por A. Nagler



## PASSATEMPO

ANAGRAMA

Com as letras abaixo designadas formar:

1) Um pequeno país entre a França e a Espanha:

DAR NO AR

2) Um país da Europa:

IA BANAL

3) Rio e Estado do Brasil:

ZOAS MANA

4) Uma cidade de Portugal:

SALVE

5) Uma cidade portuguesa:

TORAM

6) Uma povoação próximo de Almeida:

FORMAR O SILVO

7) Uma prala próximo de Lisboa:

GALES

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 27 (Concurso)

Por Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu)

ENUNCIADO

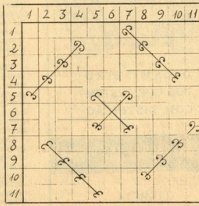
HORIZONTAIS: 1 — Cidade da África portuguesa; patife. 2 — Escudeiro; pronome; cria ovino. 3 — Único país da América, antes de Cristo. 4 — Cidade de Inglaterra. 5 — Corre velozmente; vassalor (o forno) depois de quente (inv.). 6 — Magrícula; designação de vários pássaros contrastos. 7 — Hinduístas; homem velho (fig.). 8 — Nome de homem (inv.). 9 — Nome de letra; ilha do mar Egeu; bórax. 10 — Macaco do Amazonas; rapar (o sal) na salina e junta-lho com o ródio; poetas. 11 — Espécie de macaco americano; remate da proa dum navio.  
VERTICAIS: 1 — Oriem: cidade de Espanha. 2 — Estado dos E. U. da América; comparecer; impressão. 3 — O lado do vento (naut.); rumo do vento; bacia (inv.). 4 — Índios do Brasil das margens do Japurá. 5 — Regule; abismo. 6 — Abranda; enganar. 7 — Pronome (inv.); parte da cabeça das aves entre a base do bico e os olhos. 8 — Designativas dos versos que o côro cantava nas peças teatrais. 9 — Preposição e artigo; mulheres grávidas; símbolo químico da platina. 10 — Planta labiada; arma branca; preposição. 11 — Machuco; ónus.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 26

HORIZONTAIS: 1 — Cacarejadoras. 2 — Amovibilidade. 3 — Tír; ulanas; el. 4 — Irietas; tarara. 5 — Causa; ibiraca. 6 — Acera; nanaras. 7 — Tararas; amarrar.

8 — Unam; abada; rama. 9 — Rito; rufar; apor. 10 — Azimute; amela. 11 — Ravinaram; utar. 12 — Aromaticidade. 13 — Sas; asaram; alas.

VERTICAIS: 1 — Caricaturas. 2 — Ahericanizara. 3 — Comissivativos. 4 — Avisar; amo; mim. 5 — Riras; arar; unas. 6 — Eburina; batata. 7 — Jilbas; afertz. 8 — Alatinada; saca. 9 — Dinar; amara; mim. 10 — Odor; arara; muda. 11 — Raso; carapeta. 12 — Aderer; amolada. 13 — Seta; mirar; arez.



# Malhas LOCITAY



NA CIDADE  
NO CAMPO  
NA PRAIA

\*  
Malhas LOCITAY  
\*  
REVELAM  
DISTINÇÃO  
E BOJ GOSTO

A VENDA NAS MELHORES CASAS

## Em todas as IDADES...

É necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Remineralizando a futura mãe, recorre um filho ao seu salutar e todas as enfermidades.



Cuida a educação e o desenvolvimento dos ossos constitui o principal modo profilático que os pais devem ter com os filhos.



Na idade escolar, quando o cérebro das crianças começa a trabalhar, deve inspirar-se a fadiga que ocasionam os primeiros livros.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

## Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO



A rapidez em fazer-se mulher passa por um período de maturação, energia e fadiga, que devem ser combatidas sem demora.



Os jovens que na época de estudos fortalecem o seu cérebro, fazem os homens com um caráter saudável.



A família inteira terá optimismo e alegria vendo que todos os seus componentes gozam de boa saúde.



Nunca terá um valho se os seus facultades mentais e os seus nervos conservarem a vigília da juventude.



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

## DETECTIVE

O MAGAZINE POLICIAL QUE TODA A GENTE LÊ!

O ÚNICO MAGAZINE POLICIAL QUE SE PUBLICA EM PORTUGAL

36 PÁGINAS ILUSTRADAS ~ ESC. 2\$50

O número 5 encontra-se à venda

"Detective" é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de "Vida Mundial Ilustrada".



Quando os pais previdentes garantem o futuro da família

A satisfação que traz o recibo do **SEGURO DE VIDA NA**

**PORTUGAL PREVIDENTE**  
CAPITAL DE RESERVAS 17 MIL CONTOS  
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Sede: RUA DO ALECRIM, 10 — TELEF.: 2 4040  
Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA e FARO



## BING CROSBY

ÉSTE é o nosso amigo Bing, rapaz 100 % americano, agora no auge da sua carreira rádio-cinematográfica. Hollywood considerou-o o melhor artista do ano, como todos nós o melhor cantor do mundo radiotônico. Em «O Bom Pastora» deparou-se-nos um Bing completamente novo que nos agradou em cheio. É num papel semelhante que o vamos ver para o ano em «Os Sinos de Santa Maria», ao lado de uma grande artista — Ingrid Bergman.